

**Pontifícia Universidade Católica**

**Suad Mohamad Malat**

**Yes, nós somos bilíngues: um olhar psicopedagógico sobre os significados  
que as crianças atribuem à aprendizagem no modelo bilíngue**

**São Paulo – 2008**

**Suad Mohamad Malat**

**Yes, nós somos bilíngues: um olhar psicopedagógico sobre os significados  
que as crianças atribuem à aprendizagem no modelo bilíngue**

Monografia apresentada como exigência parcial  
para a obtenção do Certificado de Especialização  
em Psicopedagogia – Curso de Pós-graduação  
“Lato Sensu” da PUCSP.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Anita Viviani Martins

**São Paulo - 2008**

## Agradecimentos

A Deus, clemente e misericordioso, por dar-me o dom de poder acordar a cada dia para alcançar todos os meus desígnios.

Aos meus pais Mohamad e Laila, por todos esses anos de amor e dedicação, e principalmente por acreditarem nos meus sonhos, e em meio às dificuldades, permitissem que eles se tornassem realidade.

A Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Maria Anita Viviani Martins, pela sua excelente orientação e por todos os momentos dedicados a auxiliar-me.

A amiga Priscilla Pereira Neves, pelo incentivo, companheirismo e por mostrar-me, que os objetivos por mais distantes e difíceis que pareçam, eles podem ser alcançados.

Ao meu irmão Ossamat Malat, por sua amizade e apoio em todos os momentos dessa jornada.

Aos alunos, coordenadoras e professora, que participaram da pesquisa e tornaram possível a concretização do trabalho.

*“Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa,  
nunca tem medo e nunca se arrepende.”*

*Leonardo da Vinci*

## RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo investigar o significado que as crianças atribuem à aprendizagem de uma segunda língua e determinar o sentido atribuído pela professora e pelas coordenadoras ao ensino e ao aprendizado bilíngue. A pesquisa recorreu ao referencial teórico de Baker (1993), Bruner (1997), Ferreiro (2001) e Friedmann (2005), que alicerçou a análise do estudo. A pesquisa levou a concluir que, no início do aprendizado bilíngue, as crianças se valem das mesmas estratégias empregadas ao aprender a língua materna, tanto na construção da escrita quanto na verbalização do novo idioma. No início desse processo, pode ocorrer a alternância dos idiomas, isto é, pode acontecer uma combinação das duas línguas. Entretanto, no transcorrer da aprendizagem, as diferenças são percebidas e os idiomas são devidamente separados.

**Palavras-chave:** Psicopedagogia. Aprendizagem bilíngue. Ensino bilíngue.

## Sumário

1- Introdução.....	06
2- Justificativa.....	07
3- Objetivos.....	08
4- Metodologia.....	08
5 - Referencial Teórico.....	09
5.1 - O bilinguismo: definições e distinções.....	09
5.2 - Ingresso no significado.....	21
5.3 - Linguagens Simbólicas.....	24
5.4 - A escrita como sistema de representação.....	27
6 – O papel do psicopedagogo na escola.....	29
7 - Análise dos discursos.....	32
7.1 - Análise Idiossincrática dos discursos: .....	32
7.2 - Análise Nomotética dos discursos: .....	54
8 – Ressignificação dos discursos.....	62
9– Considerações Finais.....	66
10 – Bibliografia Geral.....	68
11 – Anexo A - Entrevista com as crianças	
Anexo B - Entrevistas com as Coordenadoras	
Anexo C - Entrevista com a professora	

## 1 - Introdução

A escolha do tema *Significados da aprendizagem na alfabetização bilíngue* foi motivada por minha experiência pessoal de ter sido alfabetizada em árabe e em português, situação que se mostrou complexa e que me causou dificuldades, mesmo tendo contato diário com o árabe, idioma falado em casa pelos meus pais.

As maiores dúvidas e até mesmo confusões surgiam, principalmente, ao escrever, pois os alfabetos dos dois idiomas são diferentes e o modo de escrever também. Por exemplo, o árabe é escrito da direita para esquerda e o português da esquerda para direita, dificultando a associação dos elementos comuns que poderiam ser uma ponte a unir as duas línguas.

Por meio da reflexão sobre a minha própria dificuldade de inserção em dois mundos tão diferentes e complexos, surgiram algumas questões relativas ao significado que as crianças atribuem ao aprendizado de uma segunda língua e à posição e compreensão das professoras e coordenadoras em relação ao ensino e à aprendizagem bilíngue.

O presente trabalho tratará do ensino bilíngue *português – inglês*, pois o inglês geralmente é adotado como segunda língua nas escolas do Brasil, por causa de seu uso internacional abrangente, devido à expansão tecnológica e à grande influência da cultura americana na mídia (TV, cinema, músicas etc.).

Para a compreensão e a reflexão sobre o tema, foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseada nas obras de Jerome Bruner, Adriana Friedmann, Emília Ferreiro sobre o simbolismo, construção e desenvolvimento da aprendizagem e do autor Colin Baker, para o entendimento do termo bilíngue e como se constitui esse modelo de ensino.

A bibliografia sobre o bilinguismo aponta, com frequência, para um grupo particular de falantes bilíngues, cujas competências em ambas as línguas são bem desenvolvidas. Um indivíduo que possui fluência nas duas línguas em vários contextos é classificado como bilíngue equilibrado.

Baker (1993) considera que, geralmente, esse conceito é idealizado, e chama a atenção para o fato de que raramente um falante é igualmente competente em todas as situações.

A partir da leitura sobre o tema e da pesquisa de campo foi possível perceber que o bilinguismo envolve muitos pensamentos idealizados e muitos mitos. O presente trabalho pretende investigar e refletir sobre esses conceitos e sobre os sujeitos que estão em processo de alfabetização bilíngue.

A pesquisa se compõe de entrevistas realizadas com sete alunos da primeira série, com idades entre cinco e sete anos, com uma coordenadora e uma professora de uma escola de ensino infantil e fundamental bilíngue de período integral estabelecida na cidade de Santos, e de uma entrevista com a coordenadora de uma escola infantil bilíngue, localizada na cidade de São Paulo.

Foram retirados do discurso dos entrevistados e analisados de modo qualitativo, os significados mais relevantes do modo como se processa a aprendizagem e o ensino bilíngue, o método utilizado e as características do sujeito que aprende e suas motivações. A análise do material foi feita levando-se em conta dois eixos: o idiossincrático e o nomotético.

## **2 – Justificativa**

A relevância do estudo e da compreensão desse tema advém do aumento considerável de escolas que se enquadram no perfil bilíngue. Elas justificam a adoção desse modelo de ensino como um diferencial em relação a outras instituições escolares, apresentando-o como um atrativo para os pais. De acordo com a Organização das Escolas Bilíngues de São Paulo (OEBI), fundada há oito anos, atualmente existem mais de vinte escolas do gênero, onde estão matriculadas cerca de 1 200 crianças em fase pré-escolar.

É possível uma reflexão sobre esse crescimento, motivado pelo grande interesse dos pais em oferecer, desde cedo, aos seus filhos a convivência com um segundo idioma, tendo em vista a crescente exigência do domínio de línguas estrangeiras no nosso mercado de trabalho.

A importância da pesquisa sobre o tema também pode ser atribuída ao fato de haver somente um escasso acervo bibliográfico sobre o assunto, fazendo com que este estudo possa contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a área de educação bilíngue.

### **3 - Objetivos**

Investigar qual o significado que as crianças atribuem à aprendizagem de uma segunda língua.

Pesquisar qual o significado atribuído pela professora e pelas coordenadoras ao ensino e à aprendizagem bilíngue.

### **4 – Metodologia**

A investigação do presente trabalho foi realizada por meio de pesquisa de modalidade qualitativa da análise do discurso. Os dados que envolvem questões do universo escolar desses alunos, foram colhidos por meio de entrevistas gravadas e posteriormente transcritas de modo literal. (As entrevistas podem ser consultadas no anexo.)

Das entrevistas foram selecionados os significados mais relevantes do modo como se processa a aprendizagem e o ensino bilíngue, o método utilizado e as características do sujeito que aprende e suas motivações. A análise do material foi feita levando-se em conta dois eixos: o idiossincrático e o nomotético.

## 5 – Referencial teórico

### 5.1 - O bilinguismo: definições e distinções

Baker (1993) analisa as diferenças do uso das línguas e das competências do indivíduo bilíngue, levando em conta que o sujeito pode falar bem uma língua e não ter muita competência na outra, ou mesmo, pode usar uma língua para falar e a outra para ler e escrever, considerando-se que existe uma diferença entre a capacidade e o uso e entre o grau e a função.

O autor ainda se detém sobre a terminologia da área do bilinguismo, como:

Destreza linguística, que se refere a componentes específicos, observáveis e claramente definidos, como a escrita.

Competência linguística, que é um termo amplo e que normalmente é utilizado para descrever uma representação mental, interna da linguagem e é um fenômeno mais latente do que manifesto.

Atuação linguística, que é a manifestação externa da competência e é percebida pela observação da produção e compreensão linguística do indivíduo.

Capacidade e habilidade, que podem ser compreendidas como uma aptidão latente, como um determinante do eventual êxito linguístico. Esses termos também podem ser utilizados como um resultado similar, mas menos específico que as destrezas linguísticas e indicam o nível linguístico atual.

A expressão habilidade linguística também é empregada como sinônimo de competência ou como resultado específico e de quantificação de testes linguísticos. Tanto habilidade quanto capacidade linguística são conceitos diferentes de rendimento linguístico. Rendimento linguístico é considerado como o resultado do ensino formal. A habilidade e a capacidade são consideradas como o produto de uma variedade de mecanismos: aprendizagem formal, aquisição informal e características individuais, como a inteligência.

Existem quatro capacidades linguísticas básicas, que são: escutar (compreensão auditiva), falar, ler e escrever. Essas quatro capacidades entram

em duas classificações: destrezas receptivas e produtivas / oralidade e *literacidade*.

Essas capacidades podem ser vistas em diferentes subescalas e dimensões. Há destrezas dentro de destrezas. As principais capacidades são tradicionalmente classificadas como: pronúncia, extensão do vocabulário, gramática, capacidade de transmitir significados exatos em diferentes situações e variedades de estilos.

### **5.1.1 - Bilíngues equilibrados**

Um indivíduo fluente em duas línguas e em vários contextos pode ser denominado equilíngue, ambilíngue e, mais habitualmente, bilíngue equilibrado.

Baker (1993) chama a atenção para o fato de que o termo bilinguismo equilibrado é geralmente empregado como um conceito idealizado, pois raras são as vezes que um sujeito é igualmente competente em todas as situações. A maior parte dos bilíngues usa uma das duas línguas para diferentes propósitos e funções, por exemplo, uma pessoa pode usar uma língua no trabalho e outra em casa.

### **5.1.2 - Semilínguismo**

Há um conceito que tem sido proposto como alternativa ao de bilíngues equilibrados e dominantes. É o conceito de grupos de Semilíngues, segundo o qual o indivíduo possui uma deficiência em qualquer uma das competências, como extensão do vocabulário, correção idiomática, processamento inconsciente da linguagem (automatismo), criatividade linguística, domínio das funções linguísticas (por exemplo, emotivas e cognitivas) e significados e imaginação criadora. Essa deficiência pode ser quantitativa e qualitativa.

O perfil de um semilíngue descrito por Hansegard (1975 apud Baker 1993:36) engloba a manifestação de um vocabulário pequeno e uma gramática incorreta, pensamento consciente sobre a produção linguística, afetando a criatividade, resultando na dificuldade de pensar e expressar emoções em qualquer das duas línguas.

### 5.1.3 - O uso individual do bilinguismo

O contexto social em que as duas línguas operam é decisivo para entender o bilinguismo. É importante considerar o uso e a função dessas línguas para o indivíduo.

O uso individual da capacidade bilíngue (bilinguismo funcional) apóia-se no argumento da competência linguística, que tem como base o bom rendimento escolar.

O bilinguismo funcional se estabelece na produção linguística ao longo da multiplicidade de acontecimentos cotidianos. O bilinguismo funcional relaciona-se com o quando, o onde e em que contexto as duas línguas são faladas, e esses fatores podem variar de cultura para cultura.

Baker (1993:42) faz uma distinção entre o bilinguismo funcional e a origem linguística. Para o autor, a origem linguística é um conceito mais amplo, que se refere tanto à experiência participativa como à não participativa da linguagem, sendo a experiência não participativa relacionada a uma situação da qual o sujeito participa como espectador.

O bilinguismo funcional é um conceito mais restrito e relaciona-se a um envolvimento mais direto e de um domínio linguístico, que se restringe à produção e à recepção pessoal da linguagem (falar, escrever, ler e escutar).

Segundo o autor, é importante observar as cinco perguntas envolvidas no conceito de bilinguismo funcional: 1) quem é o sujeito que fala? 2) a quem esse sujeito dirige a palavra, isto é, quem é o seu objetivo linguístico? 3) em que local as línguas são utilizadas? 4) qual é o tema da conversação? 5) para que propósito?

A escolha do uso de uma determinada língua pode ser o resultado de um vasto e complexo conjunto de fatores. Algumas vezes o indivíduo bilíngue, pode mesclar e alterar as línguas, por exemplo, para explicar uma idéia com mais exatidão ou para incluir outros ouvintes. Muitas vezes os indivíduos bilíngues usam as duas línguas em locais diferentes.

### 5.1.4 - A estrutura da linguagem

As teorias da linguagem da década de 1960 se concentravam nas destrezas e nos componentes. As destrezas compreendiam escutar, falar, ler e escrever. Enquanto os componentes do saber linguístico compreendiam a gramática, o vocabulário, a fonologia e a grafêmica.

Esses modelos nos indicam como se integram as duas estruturas (as destrezas e o saber linguístico).

Canale y Swain (1990) Y Canale (1983, 1984) sugerem que a competência linguística tem quatro componentes: um componente linguístico (sintaxe e vocabulário); um componente sociolinguístico (uso apropriado da linguagem em diferentes situações); um componente discursivo (capacidade de participar de conversas e ler textos extensos); e um componente estratégico (improvisação quando há alguma dificuldade na comunicação).

Bachman (1990 apud Baker 1993:63) propõe um segundo e importante modelo de competência, pois considera tanto a competência quanto a atuação linguística. O modelo inclui não só o saber gramatical, mas também o saber usar a língua num contexto comunicativo particular

“La capacidad comunicativa del lenguaje puede describirse como un saber, o competencia, y como la capacidad para efectuar o ejecutar esa competencia em el uso linguístico comunicativo contextualizado.” (BACHMAN 1990, apud BAKER, 1993:63).

Para Bachman, a competência comunicativa tem dois componentes principais: competência organizativa e competência pragmática. A competência organizativa se divide em duas partes: a competência gramatical e a competência textual.

A competência gramatical refere-se ao vocabulário, à sintaxe, à morfologia, à fonologia e à grafêmica. A competência textual é o conhecimento das convenções para unir frases e formar um texto.

A competência pragmática se compõe de duas subpartes: a competência ilocutória e a competência sociolinguística. A competência ilocutória tem quatro funções: a função ideatória (a forma como ciframos os significados e as experiências), a manipulativa (o uso da língua para alcançar

realizações), a heurística (uso da língua para descobrir o novo e para resolver problemas) e a função imaginativa (uso da língua para representar o que vai além do aqui e do agora).

A competência sociolinguística refere-se à linguagem apropriada ao contexto, assim como às pessoas e à situação. Ela também diz respeito ao sentido de falar de uma forma natural ou como nativo. Algumas vezes para entender uma conversa é necessário o entendimento cultural de uma língua específica.

### **5.1.5 - A língua na sociedade**

O termo bilinguismo é usado normalmente para descrever o indivíduo que fala duas línguas. Entretanto quando a atenção é voltada para as duas línguas usadas em sociedade, o termo utilizado é diglossia, que em grego significa duas línguas (Baker, 1993:68).

Entretanto é improvável a prática de duas línguas para o mesmo propósito numa comunidade linguística. Geralmente uma comunidade utiliza uma língua em certas situações e para certas funções e a outra língua em distintas circunstâncias e para diferentes funções, por exemplo: uma comunidade pode usar em casa a língua minoritária, enquanto no trabalho ou na escola faz uso da língua majoritária e predominante.

Fishman (1980 apud Baker 1993:69) ampliou a idéia de diglossia e a define como sendo o uso de duas línguas, uma juntamente com a outra dentro de uma área geográfica. Para o autor o conceito de diglossia pode ser visto com grande utilidade juntamente com o conceito de bilinguismo, pois o bilinguismo é um tema para psicólogos e linguistas e diz respeito à capacidade de um indivíduo usar mais de uma língua.

Já a diglossia é um conceito de estudo para sociólogos e sociolinguistas. Fishman (1980) combina os dois termos para caracterizar quatro situações linguísticas em que pode existir um processo com ou sem o outro componente.

A primeira situação refere-se à comunidade que possui tanto o bilinguismo individual como a diglossia. Nesse caso, quase todos os habitantes são capazes de usar ambas as línguas: a majoritária e a minoritária, como por

exemplo, no Paraguai onde se fala o guarani e o espanhol, falados por quase todos os habitantes.

A segunda situação é diglossia sem bilinguismo. Neste contexto falam-se duas línguas dentro de uma área geográfica, como ocorre na Suíça.

A terceira situação é o bilinguismo sem diglossia, é uma situação em que a maioria das pessoas é bilíngue, mas não se restringe a uma língua e para um conjunto de propósitos específicos. Duas línguas podem ser utilizadas para qualquer função.

A quarta situação é onde não há bilinguismo e nem diglossia e ocorre quando uma sociedade linguisticamente diversa é modificada pela força de uma sociedade monolíngue.

Para Baker (1993), os limites que separam uma língua da outra, nunca são permanentes. Mesmo num caso de diglossia territorial, na qual uma língua tem o status de oficial em uma área geográfica, pode haver uma mudança no decorrer de um período.

Bourthis e Taylor (1997 apud Baker 1993:85) consideram três fatores que interferem na vitalidade de uma língua.

O primeiro é o fator de status, que se subdivide em três: status econômico, quando a língua não é valorizada, por pertencer a escravos ou camponeses, fazendo com que seus falantes busquem dominar a língua majoritária. O status social, relacionado com status econômico e também com o fator de sua vitalidade. E o status simbólico, que envolve a etnia, a identidade e as raízes de um passado glorioso de uma determinada língua.

O segundo fator é o demográfico, que faz parte da diglossia territorial, segundo o qual duas línguas têm seus próprios direitos em áreas diferentes de um mesmo país. Considera, também, o número absoluto de falantes de uma determinada língua e sua saturação dentro de uma área particular.

O terceiro fator é o de apoio institucional, por meio do qual a vitalidade de uma língua pode ser afetada pela extensão e pela natureza do uso de uma língua minoritária, em uma ampla variedade de instituições em uma região, como o governo nacional, regional e local, organizações religiosas e culturais, o comércio e a indústria, a televisão, o rádio e outras mídias.

Fishman (1991 apud Baker 1993:92) relaciona três relações importantes entre a língua e a cultura: 1) uma língua é o índice de sua cultura, pois ambas

se desenvolveram juntas ao longo da história, estando em harmonia entre si, por isso a língua que cresceu junto com uma cultura, expressa melhor essa cultura, seu vocabulário, suas frases idiomáticas. Suas metáforas são as que melhor expressam essa cultura no nível cognitivo e emocional. Assim, 2) uma língua simboliza sua cultura. 3) A cultura é criada parcialmente a partir de uma língua, pois grande parte de uma cultura é representada e transmitida verbalmente, por exemplo, por intermédio de canções, hinos e de suas formas peculiares de saudação.

### **5.1.6 - O desenvolvimento do bilinguismo**

Existem vários modos de adquirir as habilidades de um indivíduo bilíngue, tais como, aprender duas línguas nos primeiros anos de vida em casa, aprender uma segunda língua na escola, na comunidade e, depois da infância, estudando uma segunda língua num curso de idiomas.

A discussão sobre o bilinguismo envolve fatores psicológicos, linguísticos, sociais e educativos. É importante considerar o contexto social em que as crianças aprendem suas línguas, que pode ser por meio do contexto macrossocial, como quando uma criança pertence a uma comunidade de imigrantes, a um grupo de elite ou a um grupo de língua minoritária.

No contexto microssocial, a escola e a comunidade local facilitam o bilinguismo funcional.

### **5.1.7 - Tipos de bilinguismo infantil**

Baker (1993) faz uma distinção entre o bilinguismo infantil simultâneo e o sequencial. O simultâneo refere-se à criança que aprende, ao mesmo tempo, duas línguas nos seus primeiros anos de vida. Nesse tipo de bilinguismo é importante considerar qual é a língua falada por cada um dos pais, qual é a língua que cada um dos pais fala com a criança, qual é a língua falada por outros membros da família com a criança e qual é a língua por meio da qual a criança tem contato com a comunidade.

Já o bilinguismo sequencial considera a situação na qual a criança aprende uma língua primeiro e, posteriormente, uma segunda língua, como por exemplo, numa escola bilíngue.

Mc Laughlin (1984, 1985 apud Baker 1993:108), afirma que o limite aproximado entre o bilinguismo sequencial e o simultâneo ocorre na idade de três anos. Quando a criança aprende suas línguas antes dos três anos, o processo é denominado bilinguismo como primeira língua.

Para o autor, o aprendizado das duas línguas antes dessa idade ocorre de maneira natural e informal. Depois dos três anos a criança aprenderá a segunda língua por meio de um ensino formal.

Saunders (1988 apud Baker 1993:112) sugere que as crianças passam por uma sequência de três estágios para tornar-se bilíngue. O primeiro estágio dura aproximadamente dois anos, tempo em que a criança não diferencia as duas línguas e o vocabulário é visto como parte de um sistema global.

No segundo estágio, a criança pode misturar as duas línguas, mas ela sabe com quem e em que língua falar numa determinada situação.

No terceiro estágio, a criança diferencia ambas as línguas e dificilmente as mistura. Vários fatores podem contribuir para a aquisição desse estágio, como a exposição das duas línguas em diferentes espaços, a capacidade linguística da criança, as atitudes que os pais assumem diante das duas línguas e a exposição a diferentes formas de ensino da língua.

Para Swain (1972 apud Baker, 1993:113) a aquisição simultânea de duas línguas não é diferente do processo de desenvolvimento da aquisição de uma língua. As crianças aprendem duas línguas como se estivessem aprendendo uma.

Um tema muito debatido em torno da aquisição de uma segunda língua está relacionado à idade do aprendizado, o êxito alcançado e a competência linguística.

Singleton (1989 apud Baker 1993:117) faz uma análise sobre esses pontos. Para o autor, de um modo geral, os mais jovens não são nem mais e nem menos eficientes e exitosos que os alunos mais velhos. O êxito tem relação tanto com os contextos sociais nos quais se adquire, se mantém ou se perde o domínio de uma língua, quanto com os aspectos psicológicos do indivíduo que aprende.

Singleton (1989) relata que as crianças, aparentemente, aprendem o sistema fonético e a gramática da nova língua com mais facilidade que os adultos. E que as crianças que aprendem uma segunda língua e continuam a estudá-la em todos os anos escolares tendem a mostrar competência maior do que aquela que aprende a segunda língua mais tarde. E que não há na infância, ou nem mesmo na adolescência, um período crítico para a aprendizagem de uma segunda língua.

“...los varios fenómenos relacionados con la edad y aislados por la investigación sobre la adquisición de las lenguas resultan probablemente de la interacción de una multiplicidad de causas y que los diferentes fenómenos pueden tener diferentes combinaciones de causas.” ( SINGLETON, 1989, apud BAKER, 1993:119).

#### **5.1.8 - Alternância de código**

A alternância de código acontece quando um indivíduo mistura duas ou mais línguas. Tal alternância pode abranger desde misturar uma palavra, alternar a metade de uma oração ou o bloqueio de uma palavra maior.

Geralmente a alternância ocorre para dar força a um argumento, porque não se conhece uma palavra nas duas línguas, para expressar a identidade de um grupo, por causa da facilidade e eficiência da expressão, para excluir alguém da conversa e para cruzar limites sociais e étnicos.

“Una situación donde los bilingües mezclan los dos sistemas de lengua se encuentra a veces cuando ambas padres hablan ambas lenguas a los niños. Varios investigadores han argumentado que una persona, una lengua o una lengua, un contexto es el método óptimo para criar a un niño de forma bilingüe. Esto puede ayudar a evitar la mezcla de lenguas.” (BAKER, 1993: 121).

À medida que a criança cresce, ela consegue fazer uma separação das línguas e a mistura e/ou alternância de palavras diminui.

#### **5.1.9 - Teorias sociopsicológicas**

Para Lambert (1974), aprender uma segunda língua tem efeitos sobre a autoestima do indivíduo.

“Haber dominado una segunda lengua y ser capaz de interactuar con un grupo de lengua diferente puede cambiar el autoconcepto y la autoestima de uno.” (LAMBERT, 1974 apud BAKER 1993:142).

O bilinguismo também pode favorecer um enriquecimento cultural, pois proporciona atividades culturais, que favorecem um contato com valores, crenças e visões de mundo.

Gardner (1970 apud Baker 1993:144) sugere que as atitudes e as motivações para aprender uma segunda língua são componentes importantes para a aprendizagem “Tener la capacidad y la aptitud sin La motivación y la actitud favorables tenderá a resultar en un rendimiento más bajo que tener tanto la aptitud como la motivación.”

O autor ainda afirma que existem muitas atitudes e motivações que promovem a aprendizagem, mas as principais são atitudes instrumentais (como para conseguir um emprego e obter reconhecimento social e econômico), e as motivações integradoras, que revelam o desejo do indivíduo de identificar-se com ou de pertencer a um grupo.

Gardner (1970) divide em quatro estágios os modelos de aprendizagem.

O primeiro modelo de aprendizagem seria social e cultural do contexto da linguagem, no qual as crianças podem ser influenciadas pelas crenças, pelos valores e pela cultura da comunidade a que pertencem.

O segundo é denominado de diferenças individuais, que englobam inteligência, aptidão para a língua, motivação e sensibilidade em relação à situação. Para o autor, o grau de inteligência de um indivíduo, sua aptidão e seu talento para a aprendizagem de uma língua, seus motivos instrumentais e integradores e a sensibilidade em relação ao aprendizado interferem nos resultados.

O terceiro estágio refere-se ao contexto e ao ambiente em que se aprende a língua, que pode ser num ambiente formal (aprendizagem de um idioma mediante um método de ensino definido e com materiais e recursos escolares) e informal (quando a aprendizagem é secundária, acidental e menos exigente).

O quarto estágio tem dois resultados. Um refere-se à competência bilíngue e o segundo refere-se aos resultados não linguísticos, como mudanças de atitudes, valores culturais e crenças.

“Las actitudes no son solo ingredientes dentro de la situación de aprendizaje de la lengua. Son también producto de su aprendizaje. Esto es, el aprendizaje de la segunda lengua y el acto de hacerse bilingüe pueden cambiar las actitudes... la competencia en segunda lengua puede a su vez afectar a los niveles de inteligencia, de la motivación y de la ansiedad de situación.” (BAKER, 1993:146).

John Schumann (1978 apud Baker 1993:147) cita fatores psicológicos que são importantes para a aprendizagem de uma segunda língua que incluem uma possível confusão entre as duas línguas (choque linguístico), o sentimento de stress, a ansiedade, a desorientação, o grau de motivação e de inibição.

Para o autor, a linguagem tem três funções amplas que são: função comunicativa, integradora e expressiva. A linguagem ajuda na transmissão da informação e permite expressar os sentimentos, idéias e a personalidade individual. Inicialmente, o indivíduo aprende um idioma para se comunicar, mas, ao avançar na aprendizagem, ele poderá usar a segunda língua para se filiar a um grupo social.

#### **5.1.10 – Aquisição X aprendizagem da língua**

Stephen Krashen (1985 apud Baker 1993:151) faz uma distinção entre os termos: aquisição e aprendizagem.

A aquisição é um processo inconsciente que resulta da comunicação informal e natural entre as pessoas no qual a língua é um meio e não o centro ou o fim natural de si mesmo.

Já a aprendizagem ocorre numa situação mais formal, em que são ensinadas as propriedades manifestas de uma língua, como gramática e vocabulário, entre outras propriedades linguísticas formais.

A distinção entre a aquisição e aprendizagem refere-se a enfoques dedutivos e indutivos, aprendizagem em classe e natural, aprendizagem formal e informal da língua. Em termos educativos refere-se também à distinção entre um enfoque de capacitação formal, que oferece experiências de aprendizagem para o aprendizado efetivo das línguas.

### **5.1.11 Teorias cognitivas do bilinguismo**

Cummins (1980, 1981 apud Baker 1993:191) faz uma analogia da competência subjacente comum (que é o intercâmbio entre as duas línguas, em que a aprendizagem de um idioma pode transferir-se facilmente para outra, a primeira língua auxiliando o pensamento e o desenvolvimento da segunda), com a imagem de dois icebergs, separados na superfície, criando uma imagem na qual as duas línguas são aparentemente diferentes, mas ao se olhar com atenção abaixo da superfície, os icebergs estão ligados, concluindo que as duas línguas não são processadas separadamente, mas operadas por meio do mesmo sistema de processamento central.

Para Cummins (1980, 1981), o modelo de bilinguismo de competência subjacente comum pode ser dividido em seis partes: 1) os pensamentos que cercam a conversação, a escrita, a leitura e a escuta surgem do mesmo motor central, independente da língua que o sujeito opera; 2) o indivíduo tem a capacidade de armazenar e fazer funcionar duas ou mais línguas, contrariando a idéia de que o sujeito possui uma quantidade limitada de espaço para as destrezas linguísticas, tornando assim possível o bilinguismo e o multilíngüismo; 3) as destrezas de processamento da informação e o rendimento educativo podem desenvolver-se por meio de duas ou de uma língua; 4) para que a criança possa processar os desafios cognitivos de sua classe, é necessário que a língua utilizada neste local esteja bem desenvolvida; 5) ler, escrever, escutar e falar em uma ou duas línguas, ajuda a desenvolver o sistema cognitivo global; e 6) o funcionamento e o rendimento escolar pode ser comprometido, se a criança não tiver o domínio de uma ou de ambas as línguas.

### **5.1.12 – Tipos de ensino bilíngue**

No ensino por submersão, a língua majoritária é utilizada diariamente com os alunos de língua minoritária. Tanto os professores como os alunos devem se comunicar somente na língua majoritária da classe e não na língua materna de cada um.

O objetivo desse modo de ensino é a integração, no qual a escola se transforma num cadinho de culturas, para ajudar a criar ideais sociais, políticos e econômicos comuns a todos.

Já no ensino segregacionista é imposta uma política de educação monolíngue aos indivíduos desprovidos de poder social. A aquisição de uma só língua, principalmente da minoritária, contribui para a conservação da subordinação e da segregação.

O ensino bilíngue transitório também visa à assimilação, mas se diferencia do ensino por submersão, pois é permitido aos indivíduos da língua minoritária se comunicarem em sua língua materna. O objetivo é aumentar o emprego da língua majoritária na classe ao mesmo tempo em que se diminui o emprego da língua materna.

O ensino separatista de uma língua minoritária pode ser incentivado como forma de se evitar que uma minoria linguística se envolva com a maioria linguística por razões políticas, religiosas ou culturais. Esse tipo de ensino pode ser organizado pela comunidade linguística para sua própria sobrevivência ou autoproteção.

O modelo bilíngue por imersão é derivado dos experimentos educativos canadenses. Existem vários programas classificados de acordo com a idade da criança: imersão precoce, no jardim de infância, imersão demorada, entre nove e dez anos e imersão tardia, no curso secundário.

O tempo dedicado à imersão é de dia inteiro, tempo dedicado ao início da imersão total de 100%. Depois de três anos, esse tempo é reduzido para 80% e, nos próximos três ou quatro anos, termina, na educação primária, com uma imersão de aproximadamente 50%.

## **5. 2 - Ingresso no significado.**

Bruner (1997) fala sobre os seres humanos, que em suas interações formam uma noção do canônico e do comum, como um pano de fundo contra o qual interpretam e dão significado narrativo às violações e afastamentos de estados “normais” da condição humana. Tais explicações narrativas têm o efeito de estruturar o Idiossincrático (forma como cada indivíduo vê o mundo)

de uma forma verossímil, que pode promover uma negociação e evitar uma ruptura contenciosa e conflitos.

A produção de significados culturais refere-se não só a significados e a referências, mas em “condições de felicidade”. A maneira de negociar e renegociar os significados são uma das conseqüências do desenvolvimento humano, com auxílio dos mitos, da tipologia de compromissos humanos e da maneira de delimitar e resolver narrativas divergentes.

Para o autor, o significado não depende só de um sinal e de um referente, mas também de um interpretante, de uma representação do mundo em termos do qual o relacionamento sinal-referente é intermediado.

Pierce (1993 apud Bruner, 1997:66) distinguiu entre: ícone, semelhante ao seu referente (exemplo: uma fotografia); índice, relacionamento contingente (exemplo: fumaça – fogo); e símbolo, que depende de um sistema de sinais, de modo que a relação de um sinal com seu referente são arbitrários e governados apenas por sua posição dentro do sistema de sinais que, determina o que ele “representa”. Nesse sentido, os símbolos dependem da existência de uma linguagem que contenha um sistema de sinais ordenado ou governado por normas.

O significado simbólico está sujeito a alguma forma crítica da capacidade humana de interiorizar tal linguagem e utilizar seu sistema de sinais com um interpretante nesse relacionamento em que uma parte representa a outra.

### **5.2.1 - Aquisição da linguagem**

O autor declara que é muito importante para a aquisição da linguagem pela criança, a assistência e a interação de pessoas que dela cuidam. A linguagem é adquirida pelo indivíduo não no papel de espectador, mas por meio de seu uso. “A criança não está aprendendo simplesmente o que dizer, mas como, onde, para quem e sob que circunstâncias.” (BRUNER, 1997:67).

Determinadas funções ou intenções comunicativas estão bem posicionadas antes que a criança tenha dominado a linguagem formal para expressá-las linguisticamente. Elas incluem: indicar, rotular, solicitar e enganar.

A aquisição de uma primeira língua é bastante sensível ao contexto, a criança progride quando já capta de algum modo pré-linguístico o significado do que está sendo falado ou da situação na qual a fala está ocorrendo. A criança é capaz de apropriar-se não só do léxico, mas também da gramática de uma língua.

Bruner (1997) diz que os indivíduos ingressam na linguagem por possuírem um conjunto seletivo de aptidões pré-linguísticas para o significado. É uma forma de representação mental, uma representação maleável, inata, acionada pelos atos e pelas expressões dos outros e por determinados contextos sociais básicos por meio dos quais os seres humanos interagem e que se configura como um conjunto de predisposições para interpretar o mundo social de uma forma particular e para agir sobre as nossas interpretações.

Antes da linguagem, esses significados existiam de uma forma primitiva, como representações protolingüísticas do mundo, cuja realização plena depende da ferramenta cultural da linguagem.

As sentenças, como entidades gramaticais, não são as unidades naturais da comunicação. As formas naturais são unidades de discurso que preenchem uma função discursiva pragmática ou matética. As funções pragmáticas, tipicamente envolvem fazer com que os outros ajam em nosso interesse. As matéticas têm a função de, “tornar claro os nossos pensamentos sobre o mundo.” Bruner (1997:71).

É o impulso para construir narrativas que determina a ordem de prioridade na qual as formas gramaticais são dominadas pela criança pequena, e também assegura a alta prioridade que essas características assumem no programa de aquisição da linguagem.

A narrativa requer quatro constituintes gramaticais: um meio para enfatizar a ação humana; que a ordem sequencial seja estabelecida e mantida (eventos padronizados); sensibilidade ao que é canônico e ao que viola a canonicidade da interação humana; e aproximação ao ponto de vista de um narrador. A narrativa não pode deixar de ter “uma voz”.

“Embora tenhamos uma predisposição “inata” e primitiva para a organização narrativa, a cultura logo nos equipa com novos poderes

de narração através de seu Kit de ferramentas e através das tradições de contar histórias e interpretá-las, das quais logo nós tornamos participantes.” (BRUNER, 1997:74).

O entendimento social, por mais abstrato que possa eventualmente se tornar, sempre começa como práxis em contextos particulares nos quais a criança é protagonista, é um agente, é uma vítima e é um cúmplice.

Posteriormente, a criança mais velha já percebe que desempenha um papel dentro da família, através da ação e depois da linguagem. Também entende que o falar não serve só para contar fatos, mas para dialogar, para se defender, etc. Ela usa a fala para atingir seus objetivos e desejos e assim entra na esfera da cultura humana.

A função precede a forma, a criança usa formas gestuais para se comunicar bem antes de ter um domínio léxico-gramatical para expressar essas funções e intenções pré-linguísticas.

### 5.3 - Linguagens simbólicas

De acordo com Friedmann (2005), os conceitos de símbolo, imagem e linguagens simbólicas são importantes para o entendimento do universo simbólico infantil. O símbolo é

“... como uma das possibilidades de significação oculta de uma expressão, da representação de uma idéia, de um conceito, de um ser, de uma emoção ou de um objeto. Esta representação pode adquirir formas concretas ou abstratas. Dentro das formas concretas, por exemplo, uma pintura, uma obra de arte... Dentre as formas abstratas, o símbolo pode ser representado através de um movimento, uma expressão corporal ou gestual... Essas representações, tanto as concretas quanto as abstratas, surgem sob a forma de *imagens* externas ou internas.” (FRIEDMANN, 2005:36).

As imagens internas são aquelas que se originam no interior da criança e que se tornarão imagens externas, quando manifestadas por meio da brincadeira, da palavra e da escrita.

A linguagem é o instrumento que os seres humanos utilizam para se comunicar e se manifestar. A linguagem mais direta é a verbal, mas existem

outras, como as simbólicas e as não verbais, que podem ser expressas por sons, por gestos e pela arte.

A autora destaca a importância de os sujeitos tentarem captar, aprender a olhar para a linguagem simbólica e por meio dela, chegar à essência da criança e do jovem.

O mundo interno da criança é um espaço misterioso e imaginário, habitado por segredos, lembranças, desejos e tensões, que podem ser revelados de maneira espontânea e direta ou camuflados, e que, muitas vezes, fica inacessível ao adulto.

### **5.3.1 – Conceitos essenciais**

Os significados podem ser expressos em quatro níveis. O primeiro é o signo, que, de acordo com Bachelard (apud Friedmann, 2005:75), é aquilo que representa ou substitui outra coisa, como, por exemplo, um sinal de trânsito, uma bandeira ou um gesto. Possui um caráter evocativo e mágico e é um objeto que representa uma realidade complexa.

O segundo nível é representado pelos sonhos, atos falhos, gestos e mímicas, que são manifestações de conteúdos inconscientes de cada indivíduo. Nesse nível inicia-se o universo dos símbolos.

No terceiro nível, aparecem os arquétipos, que são os significados produzidos pelo inconsciente coletivo. E segundo Jung (apud Friedmann, 2005: 79), são formas e ideais herdados, que se originaram no início da história humana e mantêm o significado até os dias atuais e relacionam-se ao inconsciente coletivo. Os arquétipos são qualidades, como a verdade, a sabedoria, o valor e o amor, que surgem nos mitos e nas lendas, não são estáticos e moram no subconsciente, mas podem se tornar conscientes sob a forma de símbolos ou de sistema de símbolos.

E no último nível está o sagrado, algo além da natureza humana e que reflete o desconhecido.

Friedmann ainda se detém sobre outros conceitos participantes do universo dos símbolos, como o sinal, a alegoria, a analogia, a imagem, a linguagem, a metáfora, os ritos e os mitos. Estes últimos surgem como relatos

simbólicos, que contam histórias dos deuses, de seres humanos com super poderes e de acontecimentos fora do comum.

Os mitos permitem que o indivíduo pense e se volte para si, captando as mensagens dos símbolos, relacionando-as com aspectos de sua vida. As quatro funções dos mitos são: a função mística, que permite a entrada no mundo desconhecido e misterioso; a dimensão cosmológica, que se refere à ciência; a função sociológica, que trata das leis e da ética social; e a dimensão pedagógica, que analisa a persistência de viver, apesar das adversidades.

Os símbolos, presentes desde os primórdios da civilização, iniciaram-se com as pinturas nas cavernas e posteriormente se estenderam à arte, à religião, aos mitos e aos rituais.

Rene Alleau (apud Friedmann, 2005:81) afirma que “um símbolo não significa: evoca e focaliza, reúne e concentra de forma analógica e polivalente, uma multiplicidade de sentidos que não se reduzem a um único significado nem apenas a alguns.”

O símbolo não transmite uma única verdade, adapta-se ao contexto, ao nível de consciência e da vivência de cada indivíduo. É o homem que dá significado ao símbolo, que personaliza esse sentido por meio de uma obra de arte ou de uma criação literária.

No universo simbólico, existe um pacto social, para que os sujeitos reconheçam aquele determinado símbolo e assim exista uma comunicação. O símbolo propicia a ligação entre o universo da realidade subjetiva e a vida objetiva.

“Ler simbolicamente os acontecimentos dá novamente significados ao que somos e ao que fazemos e o próximo passo a ser empreendido para cumprir nossa existência.” (Friedmann, 2005:83).

No universo simbólico há uma riqueza maior e mais profunda de significados, em comparação com as linguagens convencionais, pois o símbolo permite a autocontradição, em que se pode expressar uma idéia e seu sentido contrário com possibilidade de compreensão do objeto em diferentes níveis de realidade.

A função do símbolo é a de reunir o indivíduo com ele mesmo e com os outros. O símbolo também é operativo, pois ele produz um significado no sujeito, devido ao seu estado de espírito e pode provocar ainda um novo

estado, esse processo só ocorre quando o indivíduo permite se transformar pelo saber.

O conhecimento operativo surge quando há uma ligação entre o mundo interior e o exterior.

#### **5.4 - A escrita como sistema de representação**

De acordo com Ferreiro (2001), a escrita pode ser percebida sob duas formas. A primeira como uma representação da linguagem, que envolve um mecanismo de diferenciação dos elementos e relações reconhecidas no objeto apresentado e da escolha dos elementos e relações que serão mantidas na representação.

A segunda forma é a transcrição gráfica das unidades sonoras, que é a construção de sistemas alternativos a partir de uma releitura das letras do alfabeto, como por exemplo, na produção de códigos secretos para uso militar ou mesmo em código telegráfico etc.

Essa forma de interpretação (codificação) é baseada em uma representação conhecida pelo sujeito e tanto os elementos como as relações já estão pré-determinadas, o que ocorre é a representação diferente para os mesmos elementos e as mesmas relações. Esse mecanismo não acontece na representação da linguagem, pois tanto os elementos como as relações não são pré-determinadas. Aqui a construção é particular para cada indivíduo.

A diferença que a autora faz entre as duas formas de escrita, não é apenas terminológica, pois ao entender a escrita como um código de transcrição que transforma as unidades sonoras em unidades gráficas, estaríamos simplificando esse processo em apenas um foco, o da discriminação perceptiva nas modalidades visuais e auditivas. Nesse prisma, a linguagem é reduzida a uma série de sons.

Para demonstrar que o processo de representação da linguagem envolve outros fatores individuais a autora esclarece

“... se não há dificuldades para discriminar entre duas formas visuais próximas, nem entre duas formas auditivas próximas nem também para desenhá-las, não deveria existir dificuldades para aprender a ler, já que se trata de uma simples transcrição do sonoro para um código visual.” (FERREIRO, 2001:15).

Considerar a aprendizagem da língua escrita sob outro ângulo, como a compreensão do modo de construção de um sistema de representação, exigiria do professor outra percepção, pois mesmo ao falar corretamente e sendo capaz de fazer as discriminações perceptivas, o indivíduo não compreenderá necessariamente a natureza desse sistema de representação, como por exemplo, por que o aluno trata todas as palavras de maneira igual na representação, apesar de pertencerem a classes diferentes. Por que ignora as semelhanças no significado e privilegia as semelhanças sonoras.

A escrita entendida como um código de transcrição remete a aprendizagem como a aquisição de uma técnica. Vista como sistema de representação, sua aprendizagem é percebida como apropriação de um novo objeto de conhecimento (aprendizagem conceitual).

#### **5.4.1 – As concepções das crianças a respeito do sistema de escrita**

O modo habitual de perceber a escrita infantil é o de considerar somente os aspectos gráficos como a qualidade do traçado, a distribuição espacial das formas (da esquerda para direita e de cima para baixo) e as inversões.

Os aspectos que se relacionam com a intenção da criança e a maneira como cria sua representação dividem-se em três períodos.

O primeiro é representado pela distinção entre o modo de representação icônico e o não icônico. Nesse período ocorrem distinções importantes como a discriminação entre as marcas gráficas figurativas e não figurativas e a organização da escrita como um objeto substituto. Esses aspectos ajudarão o indivíduo nas fases posteriores. O desenho representa o sujeito icônico e seus traçados reproduzem as formas dos objetos. Já a escrita representa o sujeito não icônico e a sua produção gráfica não reproduz a forma dos objetos, mas o contorno dos mesmos, como uma ação elaborada.

No segundo período, temos a construção de formas de diferenciação entre as escritas. No plano intrafigural, a criança formula a sua teoria sobre o que um texto precisa possuir para ser interpretável, como a quantidade mínima de três letras e estas terem que ser diferentes.

Outra diferenciação, porém no aspecto interfigural, refere-se aos aspectos quantitativos, como variar o número de letras de uma escrita para outra e garantir a diferença entre as palavras. E no aspecto qualitativo, variar o repertório e a posição das letras sem modificar a quantidade.

No terceiro período, ocorre a fonetização da escrita, em que a criança descobre que as letras podem responder a partes das palavras (sílabas). No sentido quantitativo, ela descobre a relação entre quantidade de sílabas e a emissão oral, quantas vezes abrimos a boca para dizer determinada palavra. Essa descoberta inicia o período denominado pré-silábico.

No sentido qualitativo, a criança percebe que as semelhanças sonoras das sílabas são escritas com letras semelhantes e isso cria conflitos e ela precisará reformular suas hipóteses, como a de que são necessárias sempre letras diferentes para escrever algo.

O período silábico-alfabético é marcado por essa reformulação em que os esquemas prévios são abandonados e os esquemas futuros são construídos, como a similaridade do som não garante a similaridade da escrita e vice-versa e que uma letra por sílaba não é suficiente, pois há sílabas escritas com duas, três ou mais letras, entre outras descobertas.

## **6 - O papel do psicopedagogo na instituição bilíngue**

A atuação do psicopedagogo numa instituição bilíngue tem como objetivo pensar e elaborar estratégias e intervenções que facilitem o ensino e o aprendizado das línguas.

A intervenção psicopedagógica, por sua vez, visa abrir espaços objetivos e subjetivos, onde a autoria de pensamento seja possível, onde possa surgir um sujeito capaz de aprender. Desta maneira, a Psicopedagogia olha para o sujeito em sua individualidade, mas o vê integrado aos grupos a que pertence (familiar, social, escolar etc.) e busca encontrar sua peculiaridade como estudante.

As diferenças possibilitam compreender o indivíduo como único, observar seus interesses e necessidades. Identificar seus conhecimentos, habilidades e verificar os recursos disponíveis para aprender.

O psicopedagogo analisa e assinala os fatores que favorecem, intervêm ou prejudicam uma boa aprendizagem em uma instituição. Propõe e ajuda o desenvolvimento dos projetos favoráveis a mudanças. E também conduz a criança, o adolescente, o adulto ou a instituição a reinserir-se, a reciclar-se numa escolaridade normal e saudável, de acordo com as suas possibilidades e interesses.

“A aprendizagem deve ser olhada como a atividade de indivíduos ou grupos humanos, que mediante a incorporação de informações e o desenvolvimento de experiências, promovem modificações estáveis na personalidade e na dinâmica grupal as quais revertem no manejo instrumental da realidade.” (BACHA, 2003:219).

Durante todo o processo educativo, o psicopedagogo procura atuar dentro de uma concepção de ensino-aprendizagem que reforce a parceria entre a escola e a família. Ele procura orientar e interagir com o corpo docente no sentido de desenvolver mais o raciocínio do aluno, ajudando-o a aprender a pensar e a estabelecer relações entre os diversos conteúdos trabalhados.

Considerando a escola responsável por parcela significativa da formação do ser humano, o trabalho psicopedagógico na instituição escolar cumpre a importante função de socializar os conhecimentos disponíveis, promover o desenvolvimento cognitivo e a construção de normas de conduta inseridas num projeto social mais amplo.

Assim, a escola, como mediadora do processo de socialização, é o produto da sociedade em que o indivíduo vive e da qual participa. Nela, o professor não apenas ensina, mas também aprende. Aprende conteúdos, aprende a ensinar, a dialogar e a liderar.

A aprendizagem humana é determinada pela interação entre o indivíduo e o meio, da qual participam os aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Dentro dos aspectos biológicos, a criança apresenta uma série de características que lhe permitem, ou não, o desenvolvimento de conhecimentos. As características psicológicas são consequência da história individual, de interações com o ambiente e com a família, o que influenciará as experiências futuras, como, por exemplo, o conceito de si próprio, insegurança, interações sociais, etc.

Com a educação bilíngue, o indivíduo tem a possibilidade de aprender não somente uma nova língua, mas a cultura, as histórias e os costumes que cercam o novo idioma, permitindo ao aluno uma ampliação na visão de mundo e reformulação de seu autoconceito. Cabe também ao psicopedagogo perceber essas novas percepções de mundo, as motivações para a aquisição de um segundo idioma e facilitar esse processo, auxiliando o aluno em suas possíveis dificuldades e confusões entre os idiomas.

## 7 - Análise dos discursos

### 7.1 - Análise Idiossincrática dos discursos: Alunos - Sujeito 1 (feminino, 6 anos)

Discurso na Linguagem do sujeito	Unidades de Significado	Asserções Articuladas
1) “Gosto de aprender Inglês porque acho legal e porque eu falo bem Inglês.”	1) Aprendo Inglês para conversar melhor com meu pai <b>(4)</b>	1) O Inglês faz parte do dia-a-dia familiar é importante aprendê-lo. <b>(1)</b>
2) “Acho que aprender Inglês e Português junto fica bem na cabeça.”	2) Gosto de aprender Inglês porque acho legal, porque falo bem e ainda posso aprender mais. <b>(1,3)</b>	2) Aprender duas línguas diferentes é possível, porque tenho bom desempenho e ainda posso aprender mais. <b>(2, 3)</b>
3) “Acho importante aprender Inglês porque eu posso aprender mais.”	3) Acho que aprender Inglês e Português junto fica bem na cabeça. <b>(2)</b>	
4) “Estudo Inglês para conversar melhor com o meu pai quando ele chegar.”		

**Análise Idiossincrática dos discursos: Alunos - Sujeito 2 (masculino, 7 anos)**

<b>Discurso na Linguagem do sujeito</b>	<b>Unidades de Significado</b>	<b>Asserções Articuladas</b>
1) “Gosto de aprender Inglês porque eu aprendo e posso falar com as pessoas em Inglês.”	1) Gosto de aprender Inglês porque é legal e ainda possibilita falar com outras pessoas em Inglês. <b>(1, 3)</b>	1) A aprendizagem do Inglês possibilita a comunicação entre as pessoas. <b>(1)</b>
2) “A única lição que me deixa mais feliz é o Inglês, porque a minha professora preferida é a Miss Dany.”	2) Aprendo Inglês porque me deixa mais feliz e porque gostei da professora. <b>(2, 4)</b>	2) A aprendizagem do Inglês deixa mais feliz. <b>(2)</b>
3) “Acho importante aprender Inglês, porque é muito legal.”		
4) “Aprendo Inglês porque eu gostei da minha tia que é a Miss Dany.”		

**Análise Idiossincrática dos discursos: Alunos - Sujeito 3 (feminino, 6 anos)**

<b>Discurso na Linguagem do sujeito</b>	<b>Unidades de Significado</b>	<b>Asserções Articuladas</b>
1) “Gosto de aprender Inglês, porque meu pai fala Inglês junto comigo e eu tenho que responder para ele em Inglês.”	1) Aprendi Inglês porque meu pai fala Inglês comigo <b>(1)</b>	1) O Inglês é uma língua para se comunicar com pessoas que não falam Português. <b>(2)</b>
2) “Aprender Inglês é juntar as palavras.”	2) É importante aprender Inglês para poder falar com aqueles que não falam Português <b>(3)</b>	2) Aprender Inglês é uma escolha dos pais. <b>(1)</b>
3) “Aprender Inglês é importante, pois quando um membro da família só falar inglês eu falo com ele.”	3) Aprender Inglês refere-se ao conhecimento de um idioma e a junção das palavras <b>(2, 4)</b>	3) Para se expressar corretamente em Inglês é necessária a aprendizagem do idioma. <b>(3)</b>
4) “Aprendo Inglês para conhecer o idioma e assim falar bem Inglês.”		

**Análise Idiossincrática dos discursos: Alunos - Sujeito 4 (masculino, 5 anos)**

<b>Discurso na Linguagem do sujeito</b>	<b>Unidades de Significado</b>	<b>Asserções Articuladas</b>
1) “Gosto de aprender Inglês porque é legal.”	1) Aprender Inglês é “legal”. Aprendi a falar coisas que não sabia como o nome dos animais. <b>(1, 3)</b>	1) O Inglês é uma língua para se comunicar com pessoas que não falam Português. É uma língua de comunicação entre pessoas diferentes. <b>(2)</b>
2) “Acho importante aprender Inglês porque se outras pessoas não sabem Português então fala Inglês.”	2) É importante aprender Inglês para poder falar com aqueles que não falam Português. <b>(2)</b>	2) Aprender Inglês é uma escolha dos pais. <b>(3)</b>
3) “Gosto de aprender... eu não sei bicho, dinossauro e dragão.”	3) Aprendi Inglês porque meu pai fala Inglês comigo. <b>(5, 6)</b>	3) Aprender Inglês é bom porque descobrem-se outras formas de se expressar. Seria bom aprender junto Inglês e Português. <b>(1, 4)</b>
4) “Seria legal aprender Inglês e Português juntos.”	4) Seria legal aprender Inglês e Português juntos. <b>(4)</b>	
5) “Eu já sei Inglês, eu falo com meu pai em Inglês, quando ele chega em casa, quando ele acorda e eu vou lá e falo com ele		
6) “Aprendi Inglês porque meu pai só fala Inglês comigo.”		

**Análise Idiossincrática dos discursos Alunos - Sujeito 5 (feminino, 6 anos)**

<b>Discurso na Linguagem do sujeito</b>	<b>Unidades de Significado</b>	<b>Asserções Articuladas</b>
1) “Estudei Inglês porque minha mãe resolveu...”	1) Aprender Inglês é uma definição dos pais. <b>(1)</b>	1) Aprender Inglês é uma escolha da família, e é uma língua adotada por ela. <b>(1, 2)</b>
2) “Falo Inglês com meu pai e minha mãe.”	2) O Inglês é aplicado na comunicação com os pais. <b>(2, 4)</b>	2) A comunicação familiar aplica o Inglês, o Português e o Espanhol. <b>(3)</b>
3) “Em casa falamos: Inglês, Português e Espanhol.”	3) Na família aplicam-se os idiomas, Inglês, Português e Espanhol. <b>(3)</b>	
4) “Eu gosto de aprender Inglês. Eu gosto de aprender tudo.”		

**Análise Idiossincrática dos discursos: Alunos - Sujeito 6 (feminino, 6 anos)**

<b>Discurso na Linguagem do sujeito</b>	<b>Unidades de Significado</b>	<b>Asserções Articuladas</b>
1) “Gosto de aprender Inglês porque algumas coisas eu não sei, mas eu já aprendi, por isso eu gosto.”	1) Aprender a falar Inglês é importante, porque posso falar com minha mãe. <b>(5)</b>	1) Aprender a falar e escrever Inglês, amplia a condição de se comunicar e se acrescentam informações. <b>(1, 2)</b>
2) “Gosto de aprender tabuada e de aprender a escrever. Aprender a tabuada me deixa feliz.”	2) É bom aprender a falar e escrever em Inglês, porque se acrescentam informações. É melhor do que aprender Português. <b>(1, 4, 3)</b>	2) Aprender a tabuada deixa mais feliz <b>(3)</b>
3) “Eu gosto de aprender Inglês, então o Português e o Inglês.”	3) Aprender tabuada me deixa feliz. <b>(2)</b>	
4) “É importante aprender a escrever em Inglês.”		
5) “Aprendo a falar Inglês para falar Inglês com minha mãe.”		

**Análise Idiossincrática dos discursos: Alunos - Sujeito 7 (masculino, 7 anos)**

<b>Discurso na Linguagem do sujeito</b>	<b>Unidades de Significado</b>	<b>Asserções Articuladas</b>
1) “Eu gosto de aprender Inglês. Porque é importante para aprender.”	1) Aprender Inglês me deixa feliz, gosto de aprender <b>(1, 3)</b>	1) Aprender Inglês deixa feliz. <b>(1)</b>
2) “Falo em Inglês em casa com meus pais e irmãos, meu pai é americano.”	2) O Inglês é a primeira língua, fala-se Inglês em casa. <b>(2)</b>	2) O Inglês faz parte do dia-a-dia familiar é importante aprendê-lo. <b>(2)</b>
3) “Aprender Inglês me deixa feliz.”		

### 7.1.1 - Análise Idiossincrática do discurso: Professora

Discurso na Linguagem do Sujeito	Unidades de Significação	Asserções Articuladas	Unidades de Significado
<p>1) “Vamos fazer a lista de brinquedos, vamos fazer o nosso livro, então vamos escrever brinquedo e o aluno escreveu “toy”... era mais fácil escrever “toy”... brinquedo é enorme; o resto da lista foi em Português na fase do pré-silábico, silábico alfabético.”</p>	<p>1) A aprendizagem se dá de um modo consequente ao ensino. A criança se apropria daquilo que acha que é conveniente, dentro da sua particularidade. Não se identifica como ela ocorre. <b>(2,10)</b></p>	<p>1) A aprendizagem em situação bilíngue evolui conforme a particularidade do sujeito. Ela é natural, o visual e o concreto fazem a alfabetização acontecer. A aprendizagem do Inglês é favorecida pela do Português. O aluno aplica o conhecimento fonético da leitura Português e do Inglês. Esse conhecimento se impõe de modo natural. As crianças se ajustam à escrita criando estratégias pessoais de reprodução sonora ortográfica da escrita, até reconhecerem essa razão.</p>	<p><b>1, 2, 5, 6, 8, 13</b></p>
<p>2) “O que acontece dentro da cabeça deles, a gente não sabe , a gente dá o subsídio, joga as informações, a criança se apropria daquilo que ela acha que é conveniente no momento dela.”</p>	<p>2) A aprendizagem é natural. Nela o visual e o concreto fazem a alfabetização acontecer. <b>(9)</b></p>	<p>2) O ensino de Inglês baseia-se inicialmente na linguagem oral, associa-se a seguir à figura do nome, prossegue-se com a escrita de palavras de poucas sílabas, e então fonetizam-se as relações individuais dos grafemas nas palavras selecionadas.</p>	<p><b>9, 10</b></p>

### Análise Idiossincrática do discurso: Professora

Discurso na Linguagem do Sujeito	Unidades de Significação	Asserções Articuladas	Unidades de Significado
3) "...tinha tudo no ambiente que motivava a criança à escrita das duas línguas ...não existia o compromisso com a alfabetização."	3) O sujeito do ensino têm características especiais, seu desenvolvimento é rápido e seu momento é diário. <b>(18; 20)</b>	3) O ensino de Português acompanha o procedimento do Inglês, prevalecendo o modelo de ensino fonético. O ensino não fonético para o Português provoca confusões sonoro-ortográficas no uso dos idiomas.	<b>11, 12</b>
4) "A criança não escreve em Inglês, apenas há linguagem oral."	4) A linguagem oral para o Inglês das crianças em educação infantil, é muito facilitada pelas condições de seus "tempos" do desenvolvimento; há diferença nessa aprendizagem entre as crianças. <b>(12; 13)</b>	4) O sujeito do ensino evolui rapidamente; o desenvolvimento da linguagem oral para o Inglês é muito facilitada pelas condições do seu tempo de desenvolvimento.	<b>3, 4</b>
5) "Dá-se uma palavra, uma figura, "dog" e então a escrita com "sílabas pequenas", na educação infantil a criança se apropria da fala e então o fonético."	5) A aprendizagem da leitura e da escrita em Inglês é favorecida pela do Português. O aluno aplica o conhecimento fonético da leitura em Português ao Inglês. É uma aprendizagem mágica. <b>(11)</b>	5) Os contextos do ensino com estímulos identificáveis, reconhecidos pelos sujeitos, motivam para a aprendizagem dos idiomas.	<b>7</b>

### Análise Idiossincrática do discurso: Professora

Discurso na Linguagem do Sujeito	Unidades de Significação	Asserções Articuladas	Unidades de Significado
6) “A alfabetização em Português também tinha que ser fonética, porque se fizesse o “ba, be, bi, bo, bu” estava indo contra a proposta do Inglês que é fonético, e assim eles falavam qual era a letra, porque se eu fizesse silabado, isso ia dar um choque entre as duas idéias.”	6) A aprendizagem da leitura em Português, como o apoio da escrita, e logo da visualização é favorecida pela familiaridade às letras, que vai se impondo, não é forçada é natural. <b>(16)</b>		
7) “Confundiam quando era “house”, porque ensina-se o rrr... o som do H em inglês, e como já tinha ensinado o “R” rrr... então era simples.”	7) O contexto do ensino com estímulo identificáveis pelos seus sujeitos, favorece à aprendizagem. O ambiente motivador favorece a aprendizagem dos idiomas. <b>(3, 14, 17)</b>		
8) “O silabado era melhor... se a professora dá o fonético, a criança fica completamente perdida...”	8) Um bom desenvolvimento em Português em geral vem acompanhado da boa aprendizagem em Inglês, o contrário também é verdadeiro. <b>(19)</b>		

### Análise Idiossincrática do discurso: Professora

Discurso na Linguagem do Sujeito	Unidades de Significação	Asserções Articuladas	Unidades de Significado
9) “Sempre ficava escrito no objeto qual era o seu nome, tinha sempre o visual; o visual o mais importante, o visual e o concreto e a partir daí vão trabalhando e fazendo a alfabetização acontecer, era uma coisa tão natural...”	9) O ensino inicialmente baseia-se, somente, na linguagem oral. <b>(4)</b>		
10) “Era uma coisa tão natural, que eu não sei lhe dizer em que parte, em que momento, eles começaram a aprender, porque era natural.”	10) O ensino parte da linguagem oral, apresenta-se a figura e a seguir a escrita, com sílabas pequenas e então o fonético. <b>(5, 15)</b>		
11) “Escrevia-se na lousa em Inglês e o aluno estava lendo, porque já tinha se apropriado da leitura em Português, e então ele passou para o Inglês e a professora só corrigiu a pronúncia.... é uma coisa mágica...”	11) A alfabetização no Português acompanha o procedimento do Inglês, ou seja, prevalece o fonético, para não provocar choques de aprendizagem para a leitura e a escrita. <b>(6, 8)</b>		

### Análise Idiossincrática do discurso: Professora

Discurso na Linguagem do Sujeito	Unidades de Significação	Asserções Articuladas	Unidades de Significado
12) “Existe também a facilidade da língua, há crianças que têm facilidade para aprender a segunda língua, tem outras com um pouco mais de dificuldade, essas aprenderão com mais calma...”	12) O ensino não fonético para o Português provoca confusões sonoro-ortográficas no uso dos idiomas. <b>(7)</b>		
13) “É muito rico que eles saiam com uma pronúncia boa, que nós adquirimos com o passar dos anos.”	13) As crianças se ajustam à escrita criando estratégias pessoais de reprodução escrita sonoro-ortográfica, até reconhecerem essa razão. <b>(1)</b>		
14) “Na introdução da escrita em Português trabalha-se o nome, é o mais concreto, ...o nome dela, o nome do colega, o nome da coisa e que os nomes podem ser escritos através das letras e não só falado.”			
15) “Há uma descoberta fantástica, quando a criança percebe que a música pode ser escrita...”			

### Análise Idiossincrática do discurso: Professora

Discurso na Linguagem do Sujeito	Unidades de Significação	Asserções Articuladas	Unidades de Significado
<p>16) “As crianças passavam o dedinho embaixo de cada palavra da música e cantavam o que estava escrito, e iam identificando com o acompanhamento do dedinho a palavra cantada, ...ela vai entendendo, vai visualizando a palavra, familiarizando com as letras, vai entendendo, é uma coisa natural, nada forçado.”</p>			
<p>17) “No pré, para trabalhar a escrita, trabalha-se com nomes próprios, histórias, músicas, tudo que tem a ver com a realidade deles, ...houve um aluno que trouxe um experimento, um foguete...ele trouxe bicarbonato...então trabalhamos com o homem na lua e astronauta.”</p>			
<p>18) “Na criança, na educação infantil, você pode contar os meses, tem muita diferença, porque o desenvolvimento é muito rápido.”</p>			

### Análise Idiossincrática do discurso: Professora

<b>Discurso na Linguagem do Sujeito</b>	<b>Unidades de Significação</b>	<b>Asserções Articuladas</b>	<b>Unidades de Significado</b>
19) “A criança que não tem bom desempenho em Inglês, também não tem em Português; a criança que tem certa dificuldade apresenta nas duas áreas.”			
20) “A criança é o momento diário.”			

### 7.1.2 - Análise Idiossincrática dos discursos das coordenadoras: Coordenadora 1

Discurso na Linguagem do Sujeito	Unidades de Significação	Asserções Articuladas	Unidades de Significado
1) “Isso comprova que a aprendizagem da escrita do Português e do Inglês é simultânea.”	1) Aprende-se uma língua, porque se vive essa língua. As exigências do contexto determinam o desempenho lingüístico. A criança está exposta à língua. <b>(2, 3, 10, 12 e 13)</b>	1) Expor a criança ao idioma favorece à sua boa performance lingüística.	<b>1, 5</b>
2) “Aprendemos a língua, porque vivemos a língua.”	2) A aprendizagem se dá pela associação; repete-se, e pela repetição Inglês-Português, as crianças se familiarizam. <b>(5 e 8)</b>	2) A aprendizagem se dá pela associação, pela relação auditivo-visual e pela repetição. .	<b>2, 3</b>
3) “O contexto estimula a busca de soluções, é uma exigência; ele precisa pedir para ir ao banheiro...”	3) A princípio expõe-se a criança ao idioma, mediante o estímulo auditivo-visual do nome aplicado. <b>(4)</b>	3) A aprendizagem do Inglês e do Português simultaneamente é normal.	<b>4</b>
4) “A princípio é tudo muito visual e auditivo, eles vão se apropriando da língua.”	4) Para as crianças, a aprendizagem do Inglês e do Português é simultânea é normal. <b>(1, 7, 9 e 11)</b>	4)A educação bilíngue proporciona a criança, uma ampliação sobre a visão de mundo e a aceitação do diferente.	<b>6</b>
5) “Quando a criança diz meu bus chegou é porque ela já está associando.”	5) A Imersão no idioma favorece à sua aprendizagem. <b>(6)</b>		

Análise Idiossincrática do discurso: Coordenadora 1

Discurso na Linguagem do Sujeito	Unidades de Significação	Asserções Articuladas	Unidades de Significado
6) “Quando ela diz: meu “bus” chegou, ela está falando o que já aprendeu, para ela está vivo. É o período que chamamos de Imersão.”	6) A educação bilíngue proporciona a criança, uma ampliação sobre a visão de mundo e a aceitação do diferente. <b>(14)</b>		
7) “Para as crianças esse modelo de ensino bilíngue é normal.”			
8) “A professora coloca os comandos em Inglês e em Português, Inglês - Português até eles se familiarizarem.”			
9) “Essa criança vai ser educada, ela vai aprender as coisas nas duas línguas, então esse processo é como se ela estivesse aprendendo uma língua só.”			

**Análise Idiossincrática do discurso: Coordenadora 1**

<b>Discurso na Linguagem do Sujeito</b>	<b>Unidades de Significação</b>	<b>Asserções Articuladas</b>	<b>Unidades de Significado</b>
10) “Uma criança que não é estimulada na segunda língua, não tem como crescer bilíngue. Ela tem que ser exposta a esse estímulo.”			
11) “O sucesso da educação bilíngue está em trabalhar as duas línguas em conjunto, em harmonia.”			
12) “Esse é o sucesso, a exposição da criança a mais horas por dia do que as escolas normalmente oferecem.”			
13) “Porque é através da cultura que você aprende uma língua.”			
14) “A educação bilíngue ela também é isso, fazer com que nossos alunos tenham uma visão de mundo ampliada, que eles aceitem as diferenças.”			

### Análise Idiossincrática do discurso: Coordenadora 2

Discurso na Linguagem do Sujeito	Unidades de Significação	Asserções Articuladas	Unidades de Significado
<p>1) “O fato deles terem essas referências, essas palavras estáveis pela escola, ajuda na hora de você fazer essa transferência.”</p>	<p>1) O método utilizado na aprendizagem é o construtivista, em que a criança é exposta a várias situações, como as palavras estáveis pela escola e tem a oportunidade de explorá-las. <b>(1, 4)</b></p>	<p><b>1)</b> O método utilizado na educação bilíngüe é o Construtivista. A professora possui um papel importante nesse processo, pois através da dramatização e também pela linguagem não verbal, a criança é auxiliada na adaptação e compreensão da língua.</p>	<p><b>1, 4, 12, 13</b></p>
<p>2) “Na aula de música em Inglês é trabalhado vocabulário, principalmente como um suporte para o vocabulário, porque a aula de música, permite que você dramatize muita coisa, você gesticule de forma que a criança entenda qual é a palavra.”</p>	<p>2) O trabalho realizado com as crianças menores tem seu eixo principal no desenvolvimento da oralidade na língua inglesa, como na utilização de música, em que permite à criança verbalizar e discriminar determinados sons, caso isso não ocorra ou ocorra tardiamente, dificultará a aprendizagem do Inglês. <b>(2, 7, 8, 10)</b></p>	<p><b>2)</b> O ensino do Inglês tem seu eixo principal no desenvolvimento da oralidade, que permite a criança, por meio da exposição da segunda língua, verbalizar e discriminar sons. Quanto mais cedo à criança é exposta a segunda língua, maior será a sua habilidade.</p>	<p><b>2, 3, 5, 7, 8, 10, 11</b></p>
<p>3) “É uma coisa que a gente coloca para os pais. A habilidade da língua, do aprendizado é muito menor depois dos dez anos.”</p>	<p>3) Na formação de frases, muitas vezes as crianças misturam os idiomas, colocam uma palavra de uma língua numa frase de outra língua. Antigamente havia um preconceito quanto a isso, mas essa contaminação é produtiva, pois a criança inclui palavras no segundo idioma quando desconhece a palavra na língua materna. <b>(6, 9)</b></p>	<p><b>3)</b> Na formação de frases, muitas vezes as crianças misturam os idiomas. Essa contaminação é produtiva, pois a criança inclui palavras no segundo idioma quando desconhece a palavra na língua materna.</p>	<p><b>6, 9</b></p>

### Análise Idiossincrática do discurso: Coordenadora 2

Discurso na Linguagem do Sujeito	Unidades de Significação	Asserções Articuladas	Unidades de Significado
4) “O trabalho é feito dentro de uma metodologia construtivista, então a criança é exposta a diferentes situações onde ela vai poder explorar, primeiro conhecendo a comunicação escrita como ela se processa, trabalha desde os símbolos, até ler textos complexos.”	4) A professora de escola bilíngüe tem um trabalho de expressão corporal muito maior, porque muita coisa é transmitida na linguagem não verbal, então é importante dramatizar para que a criança compreenda e se adapte ao local, as pessoas e a língua. <b>(12, 13)</b>		
5) “Existe uma demora um pouco maior do que na língua Portuguesa, quando ele só tem a língua Portuguesa, só é exposto a língua Portuguesa, essa demora não passa de dois meses... mas em compensação quando ele começa a falar, ele já começa a falar nas duas línguas, já expressa palavras nas duas línguas de uma forma mais natural.”	5) Existe uma demora na aquisição da língua Inglesa, quando a criança só é exposta à língua Portuguesa, mas posteriormente esse quadro é revertido e a criança fala ambas as línguas de forma natural. E quanto mais cedo à criança for exposta a uma segunda língua, maior será a sua habilidade. <b>(3, 5, 11)</b>		
6) “Quando eles formam frases muitas vezes misturam, colocam uma palavra de uma língua numa frase de outra língua. Existia um tempo atrás, um preconceito em cima disso “ai está contaminando”. Na realidade esta contaminação é extremamente produtiva, porque ela ajuda, às vezes a criança não tem nem na língua dela aquele repertório que ela queria usar, então ela pára no meio e não sabe o que falar.”			

Análise Idiossincrática do discurso: Coordenadora 2

Discurso na Linguagem do Sujeito	Unidades de Significação	Asserções Articuladas	Unidades de Significado
7)“Os nossos projetos, principalmente dos menores, têm como eixo principal o desenvolvimento da oralidade na língua Inglesa.”			
8) “...a gente quer que a criança tenha a oportunidade de verbalizar determinados sons... se a criança não tiver a oportunidade de ouvir... talvez ela não consiga discriminar com muita facilidade, então é importante que ela também faça o som e não só escute.”			
9) “Eles inventam palavras... uma vez um menino queria falar jacaré, mas ele não lembrava como é que falava em Inglês e ele estava com tanta pressa para falar, com tanta vontade, que ele falou é um “ <i>Jacadile</i> ”. Ele lembrou o começo de uma e o fim da outra.”			

**Análise Idiossincrática do discurso: Coordenadora 2**

<b>Discurso na Linguagem do Sujeito</b>	<b>Unidades de Significação</b>	<b>Asserções Articuladas</b>	<b>Unidades de Significado</b>
<p>10)“...eu quero que eles se expressem, porque eles estão no auge do desenvolvimento da linguagem. É ali que ele vai discriminando sons e a gente sabe que quanto antes discriminarem esse som, mais natural vai ser, menos um obstáculo no futuro. Então se eu não escutei aquele som, não verbalizei aquele som, até uma determinada idade, dali para frente vai ficar mais difícil.”</p>			
<p>11) “Ainda vem criança com quatro anos, mas a gente explica para os pais que a questão do Inglês vai ser difícil, que não vai ter a mesma competência que a criança que está aqui desde um ano, que é diferente.”</p>			
<p>12)“A professora de escola bilíngüe ela tem um trabalho de expressão corporal muito maior, porque a gente transmite muita coisa na linguagem não verbal e isso é explorado na escola bilíngüe se você não fizer isso fica muito mais difícil para eles te entenderem.”</p>			

### Análise Idiossincrática do discurso: Coordenadora 2

<b>Discurso na Linguagem do Sujeito</b>	<b>Unidades de Significação</b>	<b>Asserções Articuladas</b>	<b>Unidades de Significado</b>
<p>13)“... então dramatize muito, faça muito, porque a criança vai atrás e na língua Inglesa isso é fundamental, porque a compreensão na língua Portuguesa já é difícil, na língua Inglesa é muito mais. É um complicador, então você tem que acreditar que a criança vai entender, é uma questão de paciência, para que a criança realmente se ambiente ao local, as pessoas e a língua. É uma terceira adaptação.”</p>			

## 7.2 - Análise Nomotética dos discursos: Alunos

<b>Asserções Articuladas</b>	<b>Discurso</b>	<b>Asserção</b>	<b>Redução</b>	<b>Redução</b>	<b>Proposição</b>
1) A aprendizagem do Inglês deixa mais feliz.	<b>Sujeito 2</b>	<b>2</b>	1) A aprendizagem da Língua Inglesa deixa o aluno mais feliz.	1) A aprendizagem da Língua Inglesa deixa alguns alunos mais felizes. Ao passo que a tabuada deixa outros alunos mais felizes.	1) A aprendizagem do Inglês por não ser uma escolha realizada pelas próprias crianças, em certas situações, pode não fazer sentido e outros conteúdos escolares terem mais significado ou mesmo ser mais fácil, como por exemplo a tabuada.
2) Aprender a tabuada deixa mais feliz.	<b>Sujeito 6</b>	<b>2</b>	2) A aprendizagem da tabuada deixa o aluno mais feliz.		
3) Aprender Inglês deixa feliz.	<b>Sujeito 7</b>	<b>1</b>			

### Análise Nomotética dos discursos: Alunos

<b>Asserções Articuladas</b>	<b>Discurso</b>	<b>Asserção</b>	<b>Redução</b>	<b>Proposição</b>
1) O Inglês faz parte do dia-a-dia familiar é importante aprendê-lo.	<b>Sujeito 1</b>	<b>1</b>	1) Aprender Inglês é importante, pois faz parte do cotidiano familiar e sua aprendizagem é uma escolha dos pais.	1) Aprende-se Inglês por ser o objetivo dos pais, cuja motivação está ligada a ordem familiar. Com a aprendizagem do Inglês, a criança dialogará com os pais e poderá manter suas raízes (reprodução do idioma e da cultura).
2) Aprender Inglês é uma escolha dos pais.	<b>Sujeito 3</b>	<b>2</b>		
3) Aprender Inglês é uma escolha dos pais.	<b>Sujeito 4</b>	<b>2</b>		
4) Aprender Inglês é uma escolha da família, e é uma língua adotada por ela.	<b>Sujeito 5</b>	<b>1</b>		
5) A comunicação familiar aplica o Inglês, o Português e o Espanhol.	<b>Sujeito 5</b>	<b>2</b>		
6) O Inglês faz parte do dia-a-dia familiar é importante aprendê-lo.	<b>Sujeito 7</b>	<b>2</b>		

### Análise Nomotética dos discursos: Alunos

<b>Asserções Articuladas</b>	<b>Discurso</b>	<b>Asserção</b>	<b>Redução</b>	<b>Proposição</b>
1) A aprendizagem do Inglês possibilita a comunicação entre as pessoas.	<b>Sujeito 2</b>	<b>1</b>	1) O Inglês é uma língua que amplia a comunicação entre pessoas diferentes e acrescenta informações.	1) A língua Inglesa aproxima pessoas de idiomas e culturas diferentes, pois cria um aspecto em comum, que permite a troca de informações.
2) O Inglês é uma língua para se comunicar com pessoas que não falam Português.	<b>Sujeito 3</b>	<b>1</b>		
3) O Inglês é uma língua para se comunicar com pessoas que não falam Português. É uma língua de comunicação entre pessoas diferentes.	<b>Sujeito 4</b>	<b>1</b>		
4) Aprender a falar e escrever Inglês, amplia a condição de se comunicar e se acrescentam informações.	<b>Sujeito 6</b>	<b>1</b>		

### Análise Nomotética dos discursos: Alunos

<b>Asserções Articuladas</b>	<b>Discurso</b>	<b>Asserção</b>	<b>Redução</b>	<b>Proposição</b>
1) Aprender duas línguas diferentes é possível, porque tenho bom desempenho e ainda posso aprender mais.	<b>Sujeito 1</b>	<b>2</b>	1) A aprendizagem do Inglês é necessária para a manifestação correta do idioma, além de possibilitar outras formas de expressão. E aprender Inglês e Português junto permite a ampliação do conhecimento.	1) A aprendizagem do Inglês é necessária para a aplicação correta do idioma. A aquisição e o domínio da língua Inglesa tornam o indivíduo, mais hábil para falar com outras pessoas e melhor prepará-lo para outras descobertas.
2) Para se expressar corretamente em Inglês é necessária a aprendizagem do idioma.	<b>Sujeito 3</b>	<b>3</b>		
3) Aprender Inglês é bom, porque descobrem-se outras formas de se expressar. Seria bom aprender junto Inglês e Português.	<b>Sujeito 4</b>	<b>3</b>		

### 7.2.1 - Análise Nomotética do discurso: Professora e Coordenadoras

<b>Asserções articuladas</b>	<b>Discurso</b>	<b>Asserção</b>	<b>Redução</b>	<b>Proposição</b>
1) O ensino de Inglês baseia-se inicialmente na linguagem oral, associa-se a seguir à figura do nome, prossegue-se com a escrita de palavras de poucas sílabas, e então fonetizam-se as relações individuais dos grafemas nas palavras selecionadas.	<b>Professora</b>	<b>2</b>	1) O ensino de Inglês baseia-se inicialmente na linguagem oral, associa-se a seguir à figura do nome, prossegue-se com a escrita de palavras de poucas sílabas, e então fonetizam-se as relações individuais dos grafemas nas palavras selecionadas.	1) O ensino do Inglês é realizado foneticamente, para acompanhar o ensino da língua Portuguesa e não criar choques, juntamente com a associação, a repetição e a relação auditivo-visual.
2) A aprendizagem se dá pela associação, pela relação auditivo-visual e pela repetição.	<b>Coordenadora 1</b>	<b>2</b>		
3) O ensino do Inglês tem seu eixo principal no desenvolvimento da oralidade, que permite a criança, por meio da exposição da segunda língua, verbalizar e discriminar sons. Quanto mais cedo à criança é exposta a segunda língua, maior será a sua habilidade.	<b>Coordenadora 2</b>	<b>2</b>		
4) O ensino de Português acompanha o procedimento do Inglês, prevalecendo o modelo de ensino fonético. O ensino não fonético para o Português provoca confusões sonoro-ortográficas no uso dos idiomas.	<b>Professora</b>	<b>3</b>		

### Análise Nomotética do discurso: Professora e Coordenadoras

<b>Asserções articuladas</b>	<b>Discurso</b>	<b>Asserção</b>	<b>Redução</b>	<b>Proposição</b>
1) O sujeito do ensino evolui rapidamente o desenvolvimento da linguagem oral para o Inglês é muito facilitada pelas condições do seu tempo de desenvolvimento.	<b>Professora</b>	<b>4</b>	1) A criança que é exposta mais precocemente à língua Inglesa, poderá ter uma habilidade maior, dependendo de suas condições e de seu tempo de desenvolvimento. A educação bilíngüe proporciona a criança, uma ampliação sobre a visão de mundo.	1) A precocidade do estímulo da língua Inglesa contribui para a aprendizagem do idioma. Assim como as condições do tempo e do desenvolvimento, pois existem diferenças na aprendizagem entre as crianças.
2) Expor a criança ao idioma favorece à sua boa performance lingüística.	<b>Coordenadora 1</b>	<b>1</b>		
3)A educação bilíngüe proporciona a criança, uma ampliação sobre a visão de mundo e a aceitação do diferente.	<b>Coordenadora 1</b>	<b>4</b>		

### Análise Nomotética do discurso: Professora e Coordenadoras

<b>Asserções articuladas</b>	<b>Discurso</b>	<b>Asserção</b>	<b>Redução</b>	<b>Proposição</b>
1) A aprendizagem em situação bilíngue evolui conforme a particularidade do sujeito. Ela é natural, o visual e o concreto fazem a alfabetização acontecer. A aprendizagem do Inglês é favorecida pela do Português. O aluno aplica o conhecimento fonético da leitura Português e do Inglês. Esse conhecimento se impõe de modo natural. As crianças se ajustam à escrita criando estratégias pessoais de reprodução sonora ortográfica da escrita, até reconhecerem essa razão.	<b>Professora</b>	<b>1</b>	1) A aprendizagem bilíngue é natural, em que o visual e o concreto fazem a alfabetização acontecer. A aquisição do Inglês é favorecida pela do Português. O aluno aplica o conhecimento fonético da leitura do Português ao Inglês, como também cria estratégias pessoais de reprodução sonora ortográfica da escrita. Em alguns momentos pode ocorrer a mistura das duas línguas, em que a criança inclui palavras do segundo idioma quando desconhece a palavra na língua materna.	1) A aprendizagem bilíngue ocorre de maneira natural, em que uma língua auxilia a outra. O aluno se utiliza das mesmas estratégias para a aprendizagem de ambos os idiomas. E neste processo pode ocorrer a contaminação das línguas.
2) A aprendizagem do Inglês e do Português simultaneamente é normal.	<b>Coordenadora 1</b>	<b>3</b>		
3) Na formação de frases, muitas vezes as crianças misturam os idiomas. Essa contaminação é produtiva, pois a criança inclui palavras no segundo idioma quando desconhece a palavra na língua materna.	<b>Coordenadora 2</b>	<b>3</b>		

### Análise Nomotética do discurso: Professora e Coordenadoras

Asserções articuladas	Discurso	Asserção	Redução	Proposição
<p>1) Os contextos do ensino com estímulos identificáveis, reconhecidos pelos sujeitos, motivam para a aprendizagem dos idiomas.</p>	<p><b>Professora</b></p>	<p><b>5</b></p>	<p>1) O método utilizado no ensino bilíngue é o Construtivista, em que a professora se utiliza da dramatização, da linguagem não-verbal e de estímulos identificáveis, para motivar a aprendizagem e auxiliar a criança, na adaptação e compreensão da língua.</p>	<p>1) O uso de estímulos identificáveis, dramatização e linguagem não verbal motiva a aprendizagem do Inglês e auxilia a criança na adaptação e compreensão do idioma.</p>
<p>2) O método utilizado na educação bilíngue é o Construtivista. A professora possui um papel importante nesse processo, pois através da dramatização e também pela linguagem não verbal, a criança é auxiliada na adaptação e compreensão da língua.</p>	<p><b>Coordenadora</b> <b>2</b></p>	<p><b>1</b></p>		

## 8 – Ressignificação dos discursos

A seguir serão apresentados alguns eixos de análise sobre os pontos que se mostraram presentes nos discursos dos alunos, da professora e das coordenadoras, no item Proposição surgidos na análise nomotética.

### 8.1 Ressignificação do discurso dos alunos

**1) *A aprendizagem do inglês é necessária para a aplicação correta do idioma. A aquisição e o domínio da língua Inglesa tornam o indivíduo mais hábil para falar com outras pessoas e melhor preparado para outras descobertas.***

Esse ponto surgiu no discurso dos alunos, em que eles mostraram ter a percepção da necessidade do ensino formal para a aquisição e bom desempenho da língua inglesa.

Entretanto, no discurso também apareceram outros significados para essa aprendizagem, como: o inglês possibilitaria a ampliação do conhecimento e tornaria o indivíduo mais competente para outras descobertas, como se o inglês fosse um requisito para essa aprendizagem, como por exemplo, aprender nomes de animais (ponto surgido na entrevista do sujeito 4, anexo A) e que sem a aquisição da segunda língua isso não aconteceria.

**2) *A língua Inglesa aproxima pessoas de idiomas e culturas diferentes, pois cria um aspecto em comum, que permite a troca de informações.***

Nesse ponto, as crianças mostraram ter apreendido uma visão mais ampla da língua, pois geralmente o inglês é utilizado como um idioma “universal”, que possibilita a comunicação de pessoas que falam línguas diferentes.

Nesse sentido, as crianças atribuíram ao inglês, um significado relacionado ao status social, ao conceito de igualdade, de união e de troca de informações entre as pessoas.

Fishman (1991 apud Baker, 1993:92) relaciona três pontos importantes entre a língua e a cultura: o primeiro ponto considera a língua como índice de sua cultura e expressa melhor essa cultura num nível cognitivo e emocional, seu vocabulário e suas frases idiomáticas; o segundo ponto considera que a língua simboliza sua

cultura e no último ponto assinala-se que a cultura é criada parcialmente por uma língua, pois grande parte da cultura é representada e transmitida verbalmente por canções, hinos e saudações.

**3) *Aprende-se inglês por ser o objetivo dos pais, cuja motivação está ligada a ordem familiar. Com a aprendizagem do inglês a criança dialogará com os pais e poderá manter suas raízes (reprodução do idioma e da cultura).***

Outro ponto importante emergido na entrevista refere-se à motivação da aprendizagem para os pais, que neste caso é a continuação da cultura. Grande parte das crianças entrevistadas declarou aprender inglês para conversar com os pais, que são ou possuem descendência americana e almejar, com a aquisição do idioma, poder manter suas raízes, reproduzindo a língua ou mesmo a cultura aprendida na escola, além de estreitar os laços familiares.

Gardner (1970 apud Baker 1993:144) diz que as atitudes e as motivações para aprender uma segunda língua são componentes importantes para a aprendizagem. Existem dois tipos de motivações: as instrumentais (encontrar emprego ou obter reconhecimento social) e as motivações integradoras, que revelam o desejo do indivíduo de identificar-se ou de pertencer a um grupo.

Nesse sentido a aprendizagem do segundo idioma poderia ser percebida, como uma tentativa de inclusão dentro do grupo familiar, pois proporcionaria mais segurança, além de ser uma manifestação de afeto da criança com os pais e professores, como por exemplo, quando o aluno diz *“Estudo Inglês, porque gostei da minha professora.”* (entrevista com o sujeito 2, anexo A).

**4) *A aprendizagem do inglês por não ser uma escolha realizada pelas próprias crianças, em certas situações, pode não fazer sentido e outras matérias terem mais significado ou mesmo serem mais fáceis, como por exemplo a tabuada.***

Grande parte dos discursos das crianças apontou satisfação na aprendizagem do Inglês, explicitando que a aquisição da língua as deixava mais felizes.

Entretanto algumas crianças citaram outros conteúdos escolares, como a tabuada, como sendo motivo de satisfação. Essa posição pode estar relacionada ao fato de a aprendizagem de uma segunda língua não ter sido uma escolha feita pelas próprias crianças, mas por seus pais.

A língua inglesa, para algumas crianças, pode ser difícil ou mesmo não fazer sentido naquele momento de sua vida, como por exemplo, se ela não tiver contato com a língua em casa, mas somente na escola.

## **8. 2 - Ressignificação do discurso das coordenadoras e da professora**

### **1) *O uso de estímulos identificáveis, de dramatização e de linguagem não verbal motiva a aprendizagem do inglês e auxilia a criança na adaptação e na compreensão do idioma.***

O método de ensino utilizado no bilinguismo é o construtivista, em que a criança tem a oportunidade de participar ativamente da construção dessa aprendizagem. Os instrumentos utilizados são estímulos reconhecidos pelos sujeitos, dramatização e linguagem não verbal.

Friedmann (2005) declara que o símbolo não transmite uma única verdade, que se adapta ao contexto de acordo com a consciência e a vivência de cada um. A função do símbolo é a de reunir o indivíduo com ele mesmo e com os outros.

Ele também é operativo, pois produz um significado no sujeito ou mesmo pode mudar um estado que estava presente, mas esse processo só ocorre quando o indivíduo permite se transformar pelo saber. A aprendizagem ocorre quando o que é oferecido lhe traz algum significado.

### **2) *A aprendizagem bilíngue ocorre de maneira natural, uma língua auxiliando a outra. O aluno se utiliza das mesmas estratégias para a aprendizagem de ambos os idiomas. Nesse processo pode ocorrer a contaminação das línguas.***

No início da aprendizagem formal da língua materna, a criança cria algumas teorias próprias, que ao longo do processo vão sendo superadas ou reforçadas.

Na aprendizagem de uma segunda língua, a criança novamente cria suas teorias, como por exemplo, de que poderá utilizar igualmente as estratégias da língua materna para a aprendizagem do novo idioma, como por exemplo, falar ou criar uma frase em Inglês, colocando o substantivo na frente do adjetivo, pois essa é a construção na língua portuguesa. Ao longo do processo educacional, a criança assimila as diferenças entre os idiomas.

No movimento entre as línguas pode ocorrer a contaminação dos idiomas. Baker (1993) informa que, na alternância de códigos, há a mistura de uma palavra, a alternância da metade da oração ou o bloqueio de uma palavra maior.

**3 ) O ensino do inglês é realizado foneticamente para acompanhar o ensino da língua portuguesa e para não criar choques, juntamente com a associação, a repetição e a relação auditivo-visual.**

De acordo com Ferreiro (2001), os aspectos que se relacionam com a intenção da criança e a maneira como ela cria sua representação da escrita, dividem-se em três períodos. O primeiro é a representação icônica e a não icônica; no segundo, a criança constrói formas de diferenciação entre as escritas e, no terceiro período, ocorre a fonetização da escrita e a criança descobre que as letras podem responder as partes das palavras e a relação entre quantidades de sílabas e a emissão oral. A criança também percebe as semelhanças sonoras das sílabas.

**4) A precocidade do estímulo da língua inglesa contribui para a aprendizagem do idioma. Assim como as condições do tempo e do desenvolvimento, pois existem diferenças entre as crianças.**

Singleton (1989 apud Baker 1993:117) diz que as crianças aprendem o sistema fonético e a gramática da nova língua com mais facilidade que os adultos. Entretanto não há um período crítico para a aprendizagem de uma segunda língua.

É importante considerar que o tempo de aprendizagem de cada indivíduo é diferente, pois há crianças com maior facilidade para a aprendizagem de um novo idioma, como há crianças que precisarão de mais tempo para a aquisição dessa nova língua.

**5) A educação bilíngue proporciona à criança uma ampliação de sua visão de mundo e da aceitação do diferente.**

Esse ponto foi referido no discurso da coordenadora 1, que coincide com o discurso dos alunos sobre a língua inglesa, ao afirmarem que o seu domínio possibilita a aproximação de pessoas de idiomas e culturas diferentes.

Lambert (1974 apud Baker, 1993:142) diz que o bilinguismo pode favorecer o enriquecimento cultural, pois proporciona atividades culturais, que favorecem a assimilação de valores, de crenças e de visões de mundo.

As crianças tinham essa vivência, pois na sala de aula havia um aluno americano, que só se expressava em Inglês e, a partir do novo idioma, as crianças conseguiam se comunicar com o colega.

## **9 – Considerações Finais**

A presente pesquisa possibilitou a percepção, que o ensino infantil bilíngue inicialmente favorece o desenvolvimento das duas capacidades linguísticas: o escutar e o falar, proporcionando a criança não só a aquisição de uma segunda língua, mas o que dizer, como, onde e para quem. As estratégias utilizadas na aprendizagem bilíngue são: a dramatização e apresentação de símbolos, que auxiliam nesse processo e permite o encontro do indivíduo com ele mesmo e com o outro. Posteriormente é trabalhada a aprendizagem da leitura e escrita.

Stephen Krashen (1985 apud Baker 1993:151) faz uma distinção entre os termos Aquisição, que é um processo inconsciente e é o resultado da comunicação informal e Aprendizagem, em que são ensinadas as propriedades manifestas da língua, como: gramática e vocabulário. As crianças que estudam em escola bilíngue, enquadram-se no bilinguismo sequencial, onde a Aprendizagem do segundo idioma é realizada de maneira formal, onde são utilizadas atividades para este fim.

Saunders (1988 apud Baker 1993:112) diz que no início da aprendizagem infantil bilíngue, as crianças percebem os idiomas como parte de um sistema global, onde não há diferenciação dos idiomas, nas etapas posteriores da aprendizagem, elas começam a fazer a discriminação entre as línguas, na fala, escrita e também a quem se dirigir e qual idioma utilizar.

Através da observação e das entrevistas foi possível perceber, que as crianças se esforçam mais para falar o Inglês quando são incentivadas. Bruner (1997) refere que na aquisição da linguagem, é muito importante a assistência e a interação com o outro, pois a linguagem é adquirida através de seu uso, e as crianças utilizavam o idioma Inglês em casa na companhia dos pais, nas atividades em sala de aula junto à professora ou quando um colega de classe não compreende o Português e que isso contribui para a aprendizagem da língua, pois ela se sente

mais confiante para participar desse mundo que se abre com o novo idioma adquirido.

Um ponto observado durante as entrevistas refere-se à motivação das crianças, quanto à aprendizagem do Inglês. Em seus discursos, a ação de aprender uma nova língua estaria na maioria das vezes ligada ao outro, como uma forma de agradar ou de receber atenção, como por exemplo, falar com os pais e ou com a professora.

As crianças indicaram ainda não ter a percepção de que elas também participavam ativamente desse processo bilíngue e que poderiam utilizar esse novo conhecimento não somente no meio onde vivem, participando de grupos que favoreceriam o manutenção de suas raízes (reprodução do idioma e da cultura). Como também possibilitaria a reformulação do conceito de si próprio, de suas habilidades, de suas preferências etc. Conceitos posteriormente percebidos ao longo do desenvolvimento cognitivo e psicológico do indivíduo.

Outro ponto importante refere-se ao psicopedagogo dentro da escola bilíngue, cuja função é de elaborar estratégias e intervenções, que facilitem o ensino e o aprendizado das línguas. Através da presente pesquisa foi possível perceber, que as crianças no início da aprendizagem bilíngue fazem generalizações entre os idiomas, entendendo-os como um sistema global. O psicopedagogo neste momento auxiliaria tanto o aluno sobre suas concepções com relação ao bilinguismo, quanto ao professor sobre suas possíveis dificuldades no modo de conduzir as situações.

A partir do presente trabalho foi possível perceber que, o Ensino Bilíngue é um tema envolvido de muita curiosidade, idealização sobre o indivíduo que aprende e também desconhecimento por parte dos pais, devido ao escasso número de pesquisas e de acervo bibliográfico.

Por isso fazem-se necessários mais estudos sobre o assunto, que está presente na realidade educacional e em expansão, para esclarecimentos sobre mitos e idéias pré-concebidas e auxiliar tanto o aluno que está aprendendo, quanto ao professor. Como também a importância da análise sobre a presença do psicopedagogo dentro de instituições bilíngues e seu papel no processo de aprendizagem.

## 10 – Bibliografia Geral

Baker, Colin. Fundamentos de educación bilíngüe y bilingüismo. Madrid: Cátedra, 1993.

Basha, Márcia Neder. Psicanálise e educação: laços refeitos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

Bruner, Jerome. Atos de Significação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CORTEZ, Ana P. B. R. A língua inglesa como objeto e instrumento mediador de ensino-aprendizagem em educação bilíngüe. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

DAVID, Ana M. F. As concepções de ensino-aprendizagem do Projeto Político – Pedagógico de uma escola de educação bilíngüe. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

Favaro, Fernanda Meirelles. A educação infantil bilíngüe (português / inglês) na cidade de São Paulo e a formação dos profissionais da área: um estudo de caso. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

Feitosa, Katie Sily Alves. Considerando duas culturas: um olhar psicopedagógico sobre a alfabetização em duas línguas na escola judaica. Trabalho de Conclusão de curso. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

Ferreiro, Emilia. Reflexões sobre alfabetização. Tradução Horácio Gonzáles. São Paulo: Cortez, 2001.

Friedmann, Adriana. O universo simbólico da criança: olhares sensíveis para a infância. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. Organização das Escolas Bilíngües do Estado de São Paulo (OEBI). Disponível em: <http://www.oebi.com.br> Acesso em: 20 de Fevereiro de 2009

**Anexos**

## **Anexo A – Entrevistas com as crianças**

### **Entrevista realizada com sujeito 1 (feminino, 6 anos)**

**Em qual série você entrou nesta escola?**

*“Kinder 2.”*

**Você gosta de aprender Inglês?**

*“Sim.”*

**Por quê?**

*“Porque eu acho legal.”*

**Tem outro motivo por que você gosta?**

*“Porque eu falo bem Inglês.”*

**O que mais você gosta de aprender?**

*“Português, a lição.”*

**Que lição que você aprende?**

*“Coisas para aprender... na rua.”*

**O que é para você aprender Inglês e Português junto?**

*“Eu acho que fica bem na cabeça.”*

**E você gosta de aprender Português de manhã e Inglês à tarde?**

*“Sim.”*

**E de aprender a falar Português e Inglês junto?**

*“Legal.”*

**Você acha importante aprender Inglês?**

*“Sim.”*

**Por quê?**

*“Porque eu posso aprender mais.”*

**O que você aprende que te deixa mais feliz?**

*“A lição.”*

**Qual lição você aprende que te deixa mais feliz?**

*“De pintar.”*

**E por que você resolveu estudar Inglês?**

*“Pra eu conversar melhor com meu pai, porque quando ele chegar.”*

**Seu pai fala Inglês?**

*“Sim.”*

**Como você fez a atividade que a professora passou agora?**

*“Eu lendo e depois pintando.”*

**O que você achou dessa atividade?**

*“Legal.”*

**E você conseguiu fazer tudo?**

*“Sim.”*

## **Entrevista realizada com sujeito 2 (masculino, 7 anos)**

**Em qual série você entrou nesta escola?**

*“No primeiro ano, mas ai fui para o Kinder 3 e ai de novo fui pro primeiro ano.”*

**Você gosta de aprender Inglês?**

*“Gosto.”*

**Por quê?**

*“Porque ai eu aprendo e ai posso aprender a falar com as pessoas em inglês.”*

**Qual lição você aprende que te deixa mais feliz?**

*“Só o Inglês, porque a minha professora preferida é a Miss Dany.”*

**E você gosta de aprender Português?**

*“Gosto.”*

**O que é para você aprender Inglês e Português junto?**

*“Eu só aprendo uma aula primeiro e aí depois eu aprendo outra aula. É só uma vez.”*

**É uma vez, mas o que você acha de aprender Português de manhã e Inglês à tarde?**

*“Aí... então tá, porque só posso se na hora certa, Inglês e Português.”*

**Você acha importante falar Inglês, aprender Inglês?**

*“Acho.”*

**Por quê?**

*“Porque é muito legal.”*

**O que você aprende que te deixa mais feliz?**

*“Minha professora Miss Dany.”*

**Tem alguma matéria que você gosta?**

*“Não.”*

**Por que você resolveu estudar Inglês?**

*“Porque eu gostei da minha... minha tia que é a miss Dany.”*

**E no Kinder 3 você também gostava de aprender?**

*“Também.”*

**Por que o que tinha lá?**

*“Tinha brinquedo e tinha de aprender a ler e eu coisa que ia ler tudo.”*

**Como você fez a atividade que a professora passou essa de colorir, o que você achou dessa atividade?**

*“Eu achei legal.”*

**Você gostou de fazer?**

*“Gostei.”*

## **Entrevista realizada com sujeito 3 (feminino, 6 anos)**

**Em qual série você entrou nesta escola?**

*“Eu entrei no Kinder 2.”*

**Em qual série você está?**

*“1ª série.”*

**Você gosta de aprender Inglês?**

*“Gosto.”*

**Por quê?**

*“Porque meu pai fala Inglês junto comigo e eu tenho que responder para ele em Inglês.”*

**Só seu pai fala Inglês em casa ou sua mãe também fala?**

*“Só meu pai.”*

**Então você gosta de aprender Inglês para conversar com seu pai?**

*“Sim.”*

**O que mais você gosta de aprender?**

*“Eu gosto de aprender tudo.”*

**O que é para você aprender Inglês?**

*“Juntar as palavras.”*

**O que é para você aprender Português e Inglês junto?**

*“Ah... como tá você?”*

**Você acha importante aprender Inglês?**

*“Acho.”*

**Por quê?**

*“Porque... aí quando uma pessoa for da minha família que fala Inglês aí e falo junto com ele.”*

**O que você aprende que te deixa mais feliz?**

*“Ah... é... assim como tá você?”*

**E você sabe falar como vai você?**

*“Não, eu ainda não aprendi. Ah! How are you?”*

**Por que você resolveu estudar Inglês?**

*“Porque aí eu vou sabendo e fica mais esperta em falar Inglês.”*

**Você acha que quem aprende Inglês fica mais esperta?**

*“Sim.”*

**Você também escreve Inglês ou só fala?**

*“Escrevo inglês um pouco.”*

**O que é para você aprender Português de manhã e Inglês à tarde?**

*“Legal.”*

## **Entrevista realizada com sujeito 4 (masculino, 5 anos)**

**Em qual série você entrou nesta escola?**

*“Eu não sei... Kinder 1 ou Kinder 2.”*

**Você gosta de aprender Inglês?**

*“Gosto.”*

**Por quê?**

*“Porque é legal.”*

**O que mais você gosta de aprender?**

*“Eu não sei... bicho, dinossauro e dragão.”*

**O que você acha de aprender Português de manhã e Inglês à tarde?**

*“Não sei.”*

**O que é para você aprender Português e Inglês junto?**

*“Seria legal.”*

**Você acha importante aprender Inglês?**

*“Acho.”*

**Por quê?**

*“Porque se outras pessoas não sabem Português então fala Inglês”.*

**O que você aprende que te deixa mais feliz?**

*“Eu sei tudo.”*

**E tudo te deixa feliz?**

*“Sim.”*

**Você gosta de estudar?**

*“Gosto.”*

**Por que você resolveu estudar Inglês?**

*“Porque meu pai fala só Inglês comigo.”*

**Ele não sabe falar em Português?**

*“Ele não fala em Português comigo nem com as minhas irmãs. É porque meu pai quer que minhas irmãs aprenda Inglês.”*

**E ele também quer que você aprenda?**

*“É, mas eu já sei e ele não quer mais que eu aprenda, agora ele quer que minhas irmãs, porque são bebês tem dois anos.”*

**Então você fala com ele quando chegar em casa?**

*“É, quando meu pai chega em casa e ele acorda... ele acorda, eu vou lá acordo... eu vou lá e falo com ele Inglês.”*

**Como você fez a atividade que a professora passou?**

*“Você tem que ver o nome, depois a professora fala o quê que é depois tem que desenhar e depois colorir.”*

## **Entrevista realizada com sujeito 5 (feminino, 6 anos)**

**Em qual série você entrou nesta escola?**

*“No Kinder 2.”*

**Você gosta de aprender Inglês?**

*“Sim.”*

**Por quê?**

*“Porque sim.”*

**O que mais você gosta de aprender?**

*“Tudo.”*

**O que você acha de aprender Português de manhã e Inglês à tarde?**

*“É porque Português é primeiro e Inglês é à tarde.”*

**E o que você acha disso?**

*“Bom.”*

**É você gosta de falar Português e Inglês junto?**

*“Sim.”*

**Você acha importante aprender Inglês?**

*“Sim.” (Fez sinal de afirmativo com a cabeça).*

**Por quê?**

*“Porque ... eu não sei.”*

**Tem alguém na sua casa que fala Inglês?**

Tem o meu pai

**Ele fala Inglês com você?**

*“Sim.”*

**O que você aprende que te deixa mais feliz?**

*“Tudo.”*

**Não tem uma coisa que você gosta mais?**

*“Não.”*

**Por que você resolveu estudar Inglês?**

*“Porque minha mãe resolveu.”*

**Mas você queria estudar?**

*“Eu queria.”*

**Como você fez a atividade que a professora passou?**

*“A atividade do peru... porque hoje é dia de peru.”* (A aluna se referia ao dia de ação de graça).

**Você fala Inglês em casa?**

*“Sim.”*

**Com quem?**

*“Com meu pai e com a minha mãe.”*

**Você comentou que é filha de espanhóis, você também fala Espanhol em casa?**

*“Sim.”*

**Então você fala Português, Espanhol e Inglês?**

*“Sim.”*

## **Entrevista realizada com sujeito 6 (feminino, 6 anos)**

**Em qual série você entrou nesta escola?**

*“No Kinder 2.”*

**Você gosta de aprender Inglês?**

*“Gosto.”*

**Por quê?**

*“Porque eu gosto. Algumas coisas eu não sei falar Inglês... mas eu já aprendi e por isso eu gosto.”*

**O que mais você gosta de aprender?**

*“A tabuada e de aprender a escrever.”*

**O que você acha de aprender Português de manhã e Inglês à tarde?**

*“Eu ainda não sei.”*

**O que você acha de manhã é uma professora que ensina Português e à tarde é uma professora que ensina Inglês?**

*“É a professora Ana ensina Português e a Miss Dany Inglês.”*

**E o que você acha disso?**

*“Legal.”*

**Você acha importante aprender Inglês?**

*“Eu acho.”*

**Por quê?**

*“Porque é para todos aprenderem a escrever Inglês.”*

**Você fala Inglês em casa?**

*“Eu falo.”*

**Com quem?**

*“Com a minha mãe.”*

**Só com ela?**

*“Só. Com meu pai algumas vezes.”*

**O que você aprende que te deixa mais feliz?**

*“É a tabuada.”*

**Por que você resolveu estudar Inglês?**

*“Pra mim falar Inglês com a minha mãe.”*

## **Entrevista realizada com sujeito 7 (masculino, 7 anos)**

**Em qual série você entrou nesta escola?**

*“No Kinder 3.”*

**O que você acha de aprender Português de manhã e Inglês à tarde?**

*“Bom.”*

**Você gosta de aprender Inglês?**

*“Sim.”*

**Você acha importante aprender Inglês?**

*“Eu acho.”*

**Por quê?**

*“Pra aprender.”*

**Você fala Inglês em casa?**

*“Eu falo.”*

**Com quem?**

*“Com meu pai, com a minha mãe e minha irmã... e com meu irmãozinho também.”*

**Você morava nos Estados Unidos, por que a sua família veio ao Brasil?**

*“Pra ter mais... pra ter uma escola.”*

**O que você aprende que te deixa mais feliz?**

*“Inglês.”*

**Por que você resolveu estudar inglês?**

*“Porque meu pai é americano.”*

## **Anexo B – Entrevistas com as Coordenadoras**

### **Primeira entrevista com a coordenadora 1**

#### **Desde que serie é introduzida a escrita em Inglês?**

*“Eles começam na Educação Infantil, eles começam só com que a gente chama de Selling, que é conhecer as letras, os sons e todos os simbolos fonéticos. A partir do segundo ano eles começam a alfabetização em si, então a escrita e a leitura em Inglês juntamente com o Português, ao mesmo tempo.*

*Eles são alfabetizados em Inglês e em Português ao mesmo tempo.”*

#### **Isso ocorre com quantos anos?**

*“Olha, segundo ano eles têm seis anos, de seis para sete anos de idade.”*

#### **Antes dessa idade o que é trabalhado?**

*“Só algumas letras, som, né? A fonética, as rimas, mas não a escrita propriamente dita, eles reconhecem as letras, eles sabem que o A em Português é A e em inglês é Ei, então eles soletram já algumas palavras, eles sabem a diferenciação das vogais e das consoantes em Inglês e Português, mas escrever, o processo de alfabetização se dá no segundo ano, até o segundo ano a gente trabalha com estímulo à alfabetização, no segundo ano eles são alfabetizados.”*

#### **Quais são as atividades desenvolvidas com as crianças na alfabetização em Inglês?**

*“Na alfabetização, então o que eles fazem, eles têm um livro de leitura, um livro de speling, que é um livro de ortografia em Inglês e tem toda a parte de musicalidade, porque o Inglês ele é fundamentalmente bom para a criança nessa idade.*

*Então ele tem que reconhecer o som, ele tem que reconhecer as palavras que rimam e tudo isso através de música, então quais são as atividades: muita música, muita brincadeira, muita rima, jogos até eles chegarem no papel, então por exemplo,*

*eles vão realizar a leitura da patinha, né? Que é a primeira unidade, tem todo o estímulo do som, tem musiquinha para depois eles terminarem no papel, entendeu?*

*Não é só o início no papel propriamente dito, existe todo um estímulo, é como em Português só que a alfabetização se dá simultaneamente, o que é feito em Português é feito em Inglês. Chega uma hora que eles começam a misturar, eles misturam o Inglês com o Português, mas isso é normal e é até desejável que aconteça, por exemplo as crianças da educação infantil elas falam “eu vou de bus”, eu não vou de ônibus. Ela só fala “vou de ônibus”, se ela estiver se referindo ao período da manhã que é de Português, como à tarde ela sabe que é Inglês, elas falam para mim “eu vou de bus”, porque elas estão misturando, elas não sabem montar a frase toda, então elas vão usando palavras, chega no segundo ano, no terceiro eles ainda misturam, mas é perfeitamente normal, não tem problema algum. E eles saem alfabetizados nas duas línguas.”*

### **Na escrita eles também misturam?**

*“Misturam, muitas vezes eles misturam a letra, por exemplo: casa, né? Com S, se ele colocar V ou um H ele vai estar pensando em house, que é em Inglês, porque o som é de V, então assim muitas coisas eles misturam, mas no final quando eles começam a formalizar a língua lá no quinto ano, eles já separam, ele já não tem problema nenhum.”*

### **E como os pais percebem essa mistura? Eles entendem?**

*“Eles percebem, eles percebem sim que as crianças misturam e muitas vezes eles vêm questionar se isso é positivo ou não, porque eles têm essa dúvida, eles têm medo que a alfabetização em Inglês atrapalhe a alfabetização em Português, porque eles vêem essa mistura, né?*

*Mas aí a gente explica que é normal e aí eles ficam mais tranquilos, eles percebem que ao longo do tempo vai acabando, aí eles vão formalizando as duas línguas: Português-Inglês/ Inglês-Português, mas é interessante porque veja, a gente tem dois períodos, período da manhã que é o período de Português, período da tarde Inglês, se eu estiver com a professora de manhã, eles vem conversar comigo em Português, porque eles sabem que o período da manhã é de Português, se eles vierem conversar comigo a tarde e a professora estiver junto, vai ser em Inglês, mesmo ela não entendendo, eles sabem que o período da tarde é em Inglês,*

*então para eles essa separação já está feita, eles conversam comigo em Português de manhã e a tarde comigo em Inglês, é muito interessante.”*

### **Em sala de aula a professora fala o tempo todo em Inglês?**

*“O tempo todo em Inglês, alguns comandos muito importantes que a criança não está entendendo é permitido que se fale em Português, sabe? Tem que explicar para a criança para que ela realmente entenda aquilo que ela tem que fazer, mas estímulo todo, tudo é feito em Inglês.*

*Tanto é, que as expressões que eles aprendem do dia a dia, é de tanto ouvir e isso não se aprende no curso de línguas, então por exemplo uma criança chega para mim, eu estou mexendo em alguma coisa e ela vai virar para mim, vai falar “Let me see”, você não ensina isso em curso de línguas, você não vai ensinar para uma criança “Let me see”, mas ela ouve tanto isso em sala de aula, o professor fala tanto isso para ela, que ela começa internalizar, deixar uma coisa interna, ela não aprende ativamente, ela vai aprendendo passivamente isso depois vai sair naturalmente.”*

### **E como essas crianças são avaliadas?**

*“Então até o terceiro ano elas são avaliadas no dia a dia, não fazem prova, elas fazem atividades que o professor pode avaliar, a partir do quinto ano eles fazem prova, eles têm prova de Gramática, Leitura, Escrita, Ortografia e Estudos Sociais em Inglês. A partir do quinto ano eles fazem prova, agora até o quinto ano o professor avalia no dia a dia, é a resposta que o aluno dá, como se comporta fazendo uma atividade, se tem mais dificuldade ou não, se ele entende tudo o que ela está falando, se ele responde em Inglês ou pelo menos tem vontade, tudo isso é avaliado no dia a dia.”*

### **E como as crianças reagem a esse modelo de ensino? Como você percebe?**

*“Tranquilamente, elas não sabem que estão aprendendo duas línguas, para ela é natural, para ela falar comigo em Português ou Inglês é a mesma coisa. Ela só está usando duas línguas diferentes.*

*Ela não tem que parar, pensar em Português para depois falar em Inglês, ela não tem esse processo de raciocinar em Português, o que eu quero falar e traduzir, não. Ela fala naturalmente, tanto faz ela falar para mim “eu vou ao banheiro” em Inglês ou em Português, sai naturalmente, ela nem percebe o quanto ela aprende,*

*tanto é que muitos alunos, por exemplo quando estão no oitavo, nono ano, que eles fazem os exames de Cambridge, eles fazem, se eles saírem da escola e forem para a Cultura Inglesa por exemplo, eles não conseguem ir para o advance, porque eles não tem idade, eles têm o conhecimento de Inglês, mas não tem idade, muitas vezes ele tem que voltar, porque... a idade não acompanha o tanto que eles sabem de Inglês, entendeu?*

*Por exemplo um aluno do segundo ano, fala Inglês muito bem para a idade, só que se ele for para um curso de línguas, ele vai ser classificado num nível de criança de 10, 11 anos e ele vai ter seis anos. Como é que ele vai cursar, então deixam num nível mais inferior que é para a idade dele.”*

### **Houve casos da criança não se adaptar no Inglês? Ter rejeição?**

*“Existem crianças que quando entram por exemplo, entram no quarto ano, eles não estão desde o Kinder, eles entram no quarto, claro que ele vai ter a rejeição, porque ele vai ver que todos ali entendem e ele não está entendendo o que está acontecendo, porque as aulas são ministradas em Inglês, né.*

*Então a princípio ele tem rejeição, mas depois ele começa a querer acompanhar aquela parte, existem aqueles alunos que tem mais dificuldade para a língua é uma coisa natural. Então o que a gente faz com esses alunos que não acompanham o grupo, é retirado de algumas aulas e recebe um reforço a parte.”*

### **Então vocês oferecem reforço?**

*“Sim, por exemplo hoje temos quatro alunos fazendo aula de reforço, do grupo todo que nós temos, só quatro alunos que apresentam uma maior dificuldade, eles vão ser retirados da sala para receberem a aula de reforço, mas uma criança que consegue estudar Inglês desde os quatro anos, ele aprende de uma forma natural, então ele não chega a ter rejeição, ele tem menos habilidade, mas rejeição ele não tem.”*

### **Tem uma idade mínima para entrar aqui na escola?**

*“Então a gente aceita as crianças que largaram as fraldas, né. A gente não pega crianças ainda com fralda, então a partir dos três anos a gente aceita a criança, três, quatro anos.”*

### **E uma criança mais velha com sete anos?**

*“A gente aceita também, mas é como eu estou te falando, o período da manhã ele vai cursar normalmente, a tarde ela vai ter que ser retirada de algumas aulas para fazer o reforço, então ela acompanha o Inglês.”*

### **Qual é a classificação da Educação Infantil?**

*“Kinder 1, Kinder 2, Kinder 3 e o 1º ano. Essas quatro salas fazem parte da Educação Infantil, tá. O 1º ano é o antigo pré, aí você tem Jardim 1, Jardim 2 e Jardim 3 e o antigo pré, que é o 1º ano.*

*O 1º ano ele é para crianças que completam seis anos durante o ano corrente, muita gente antecipa hoje isso, né? Então a criança termina o 1º ano com seis anos e já entra no 2º ano com seis anos completos, então tudo depende muito da idade, não existe uma idade mínima exigida por lei, a criança precisa ter completado seis anos para entrar no 2º ano.”*

### **Desde que série a escrita em Inglês é introduzida?**

*“Em Inglês, então a escrita é introduzida a partir do pré, que é o 1º ano, só que aí não é a escrita propriamente dita, são estímulos à alfabetização. Ele vai aprender as letras e o som das letras, aí ele vai aprender que juntando C A e o T, ele vai ter CAT e vai ligar com a figura do gato.*

*Talvez ele escreva assim bem primitivamente, agora a escrita começa a se solidificar mesmo no 2º ano, que é a 1ª série do fundamental.”*

### **E aí já esta com seis para sete anos?**

*“E aí já esta com seis para sete anos.”*

### **Então antes dessa idade não é introduzida a escrita, mais a oralidade?**

*“Mais a oralidade, mais o ouvir, o repetir, o imitar. Ele reconhece as letras, porque ele acaba tendo um estímulo em Português, ele acaba reconhecendo algumas palavras, mas não se exige aqui na escola que ele saia alfabetizado do 1º ano, ele vai terminar essa alfabetização no 2º.”*

## **Você percebe que há diferença entre a alfabetização somente numa língua e a bilíngue?**

*“Não tenha dúvida, a criança que é alfabetizada em duas línguas, ela é uma criança mais aberta a aprender coisas diferentes, né. Ela parece que tem uma maior aptidão ao aprendizado, você acaba estimulando mais coisas na criança.*

*E aprender uma outra língua é aprender o que também? A cultura desse outro país, então eles têm aula de Estudos Sociais, eles sabem todas as datas comemorativas, eles cantam as músicas.*

*Existem as brincadeiras, eles sabem as brincadeiras que as crianças de lá fazem, para poder aprender a língua e a cultura. Então eu vejo assim, essas crianças... as crianças bilíngues elas têm mais oportunidades na vida, porque elas são crianças mais abertas para o mundo.*

*Todos os alunos que temos aqui, grande maioria deles são crianças que são cidadãos do mundo e viajam, que trabalham fora, eles têm outras oportunidades, porque hoje o Inglês é mais uma língua não tem como fugir.”*

## **E aqui na escola existem muitos filhos de estrangeiros? Por que os pais escolhem pôr os filhos numa escola bilíngue?**

*“Então a escola por essência, pela fundação dela foi fundada por americanos. São americanos que chegavam no Brasil e não tinham uma escola para matricular as crianças e matricularam na escola Americana .*

*Isso mudou com o passar dos tempos, né. Os americanos foram para São Paulo e agente ficou com os brasileiros, mas a gente ainda recebe muitos estrangeiros. Hoje nós temos duas crianças americanas matriculadas, um no 1º ano e um no Kinder 3.*

*Nós temos colombianos e até o ano passado nós tínhamos três filandeses e dois alemães. Então essa convivência também é muito positiva para os alunos. Começam a respeitar as diferenças, diferenças de cultura, diferença de religião, diferença de estilo de vida que é completamente diferente. E qual a língua que a gente usa para isso, Inglês, entendeu?”*

## **E existe diferença do modo de atuar da professora de uma escola bilíngue para uma escola tradicional?**

*“Existe, a professora de Português por exemplo, ela tem que saber que em alguns momentos, o aluno vai falar Inglês com ela ou vai dar alguma resposta em alguma atividade e ele vai usar o Inglês, ela tem que ter ciência de que isso é um processo natural, então ela não vai poder repreender o aluno, ela não vai poder inibir o aluno, pelo contrário, ela vai ter que estar aberta a esse tipo de coisa e ela vai trabalhar juntamente com a professora de Inglês.*

*Então ela tem as mesmas atividades, não, são atividades trabalhadas de duas formas diferentes, só que com o mesmo objetivo, né, porque existe uma diferença, a professora tem que ser preparada para trabalhar numa escola bilíngue.*

*Ela tem que saber que o bilíngue é uma coisa que funciona, ela tem que saber quais são as limitações dos alunos que estão aprendendo a língua. Ela tem que ser preparada, caso contrário, ela não ajuda o aluno a se desenvolver, tem sim que ter um preparo isso não tenha dúvida.*

*E muitos pais me questionam, porque meu filho não fala Inglês? Ele fala, só que ele está ainda construindo conhecimento, né. É a fase que a gente chama de Silence Period, que é o período de silêncio do aluno.*

*Então ele vai estar recebendo toda as informações, ele entende tudo o que você fala em Inglês, qualquer coisa que você falar em Inglês eles vão entender, só que aí na hora dele responder ele vai usar o Português, porque isso faz parte do processo e a ansiedade dos pais é que eles falem Inglês mais rapidamente.*

*Então você tem que sentar e explicar para os pais que foi feito um estudo, existe este período, uma criança de sete anos ela entende tudo o que você fala em Inglês, mas ainda ela não é capaz de usar aquilo tudo para devolver isso em Inglês, então você vai perceber que a professora fala tudo em Inglês e eles entendem tudo, na hora de responderem eles vão usar o Português e isso a professora tem que saber que é normal, os pais tem que saber que é normal, então para você entrar numa escola bilíngue, matricular seu filho numa escola bilíngue, tem que estar muito ciente do processo da alfabetização, tem que dar um tempo para a criança.*

*Você não pode exigir que na segunda série, segundo ano, ele já fale tudo em Inglês, ele não vai falar, ele vai misturar ainda, mas quando ele chega no 5º ano, ele formaliza, aí só Inglês e aí você fecha o ciclo.”*

## **Segunda entrevista com a coordenadora 1**

**Eu havia perguntado na outra entrevista, como você percebia a educação, a aprendizagem bilíngue (Português-Inglês) e você comentou que era algo normal e natural. Eu gostaria de saber quais são os pontos que te levam a entender que a aprendizagem é normal? Gostaria que você me explicasse melhor.**

*“Então a educação bilíngue, ela tem como ponto de partida... a educação bilíngue o que acontece normalmente por exemplo, numa família onde a mãe vamos supor é americana e o pai é brasileiro ou vice-versa, essa criança vai ser educada nas duas línguas. O pai vai falar com ela em Português e a mãe em Inglês ou vice-versa.*

*Essa criança ela vai ser educada, ela vai aprender as coisas nas duas línguas, então esse processo é como se ele estivesse aprendendo uma língua só. Ele sabe diferenciar a hora de conversar com um ou com outro e em que língua, porque o pai fala Inglês, então ele vai se dirigir ao pai falando Inglês, se a mãe falar só o Português, então esse é o princípio da Educação Bilíngue, a gente tenta trazer isso para a sala de aula.*

*O período da manhã todo em Português, o período da tarde todo em Inglês, então essa criança vai crescendo nas duas línguas, então ele sabe que na hora de falar com a professora de Português ele vai falar em Português e com a professora de Inglês vai falar Inglês.”*

**Isso aconteceria com uma criança que não teria nenhum dos pais americanos e que só tem o Português em casa?**

*“Se ele estivesse numa escola bilíngue sim, né. Se ele estivesse numa escola bilíngue onde um período da vida dele, do dia dele fosse numa língua e o outro período na outra, ele aprenderia, agora uma criança que não é estimulada na segunda língua, não tem como crescer bilíngue. Ele tem que ser exposto a esse estímulo, né. Ou na escola ou em casa.”*

### **Que ponto você diria que propiciaria o sucesso da Educação Bilíngue?**

*“O sucesso da Educação Bilíngue, ele está em trabalhar as duas línguas em conjunto, em harmonia, então a professora de Português, ela tem que falar a mesma linguagem da professora de Inglês, então eles são alfabetizados ao mesmo tempo, então na hora de você introduzir a letra cursiva, ela é utilizada com as duas professoras, então vamos sair da letra de forma, juntas, vamos para a letra cursiva, então o mesmo tipo de brincadeiras, a mesma linha de pensamento.*

*Então esse é o sucesso, a exposição da criança a mais horas por dia do que as escolas normalmente oferecem, né, de Inglês duas horas por semana, três horas por semana, período estendido. Então ela tem que ter pelo menos 20 horas por semana de Inglês.”*

### **Você poderia me explicar melhor o que significa o Social Standing?**

*“Eles não tem só o Inglês como língua, né. Eles tem que aprender Estudos Sociais, Ciências, Matemática, em Inglês, tá. Para que ele possa ter o aprendizado que uma criança americana teria numa escola americana, então o Social Standing o quê que é? Estudos Sociais, a história e a Geografia dos Estados Unidos.*

*Porque é só através da cultura que você aprende uma língua, se você aprende a língua só pela língua, você aprende o superficial, você aprende a se comunicar no restaurante, você aprende a fazer uma reserva em hotel, mas você não aprende a língua como uma expressão cultural.*

*Então a partir do momento que você tem Estudos Sociais, ela cresce como se aquela língua fosse de fato dela, então ela não tem essa coisa, eu vou aprender Inglês como uma estrangeira. Não, o Inglês dela é a segunda língua, ela se comunica tanto em Inglês quanto em Português. Então para esse aprendizado ser efetivo nesse caso, ele tem que aprender Estudos Sociais, Ciências e Matemática também, entendeu?”*

**Na nossa outra conversa, você também comentou sobre o Silence Period. Eu gostaria que você me explicasse um pouco mais sobre o que acontece nesse período?**

*“Então o Silence Period é o período em que a criança não verbaliza aquilo que ela aprendeu, então ela está tendo vários estímulos, ela sabe as rimas, ela canta, mas ela não verbaliza isso numa forma de conversação. Então as vezes ela*

vai misturar, em vez de falar a frase toda “Eu vou de ônibus para casa” ela vai falar assim “ Eu vou para casa de Bus”.

*Então ela começa a introduzir algumas palavras no vocabulário... na conversa dela em Inglês. Ela ainda não forma frases completas e ela ainda não tem uma manifestação verbal completa, tá.*

*Nesse período de silêncio que a gente chama, onde ela só está recebendo estímulo, ela vai passar a dar essas respostas completas até esse aprendizado mais formal da língua, a partir do quinto ano. Aí ela começa a usar a língua completamente como se fosse a segunda língua dela, até então ela mistura, ela sabe a gramática de Português e de Inglês. Ela vê as línguas como duas coisas diferentes ainda, tá.*

*Então por exemplo, as vezes pode faltar o vocabulário para ele e lança mão de uma palavra em Inglês de manhã, no período de Português. Muitas vezes acontece isso, ele está se comunicando em Português, mas aí de repente ele não sabe a palavra e fala Inglês ou vive-versa.*

*A tarde ele está falando Inglês, falta uma palavra e ele põe o Português no meio. Ele tende a americanizar algumas palavras, que ele não sabe, tá. Então por exemplo, ele não sabe a palavra coletivo em inglês, ele vai falar “Coletivol”. Ele vai enrolar, mas isso é muito normal, é muito comum ele fazer, então esse é o período de silêncio que a gente chama.”*

### **O método usado no inglês aqui na Escola é o fonético?**

*“O método usado é o mesmo método usado em todas as escolas americanas para se ensinar o Inglês, então como é que a criança aprende o Português, assim como ela aprende o Inglês lá. Fonética, estímulo de rimas, de música, é... a gente cria situações onde ele tenha que usar a língua, brincadeiras e jogos.”*

### **Por quê? O que essas atividades propiciam?**

*“Elas estimulam o Inglês usado como uma coisa natural, é diferente de você falar para uma criança assim “Imagina que você está num restaurante ou imagina que você está conversando ou está jogando futebol, como é que vocêalaria isso”.*

*A criança ela não tem esse poder de imaginar que está jogando futebol e como ela elaboraria a frase, não, você tem que fazer com que jogue futebol e ela fale Inglês aqueles momentos, aquelas palavras que precisam ser ditas naquela*

*hora, então se eu vou falar de brincar e de construir um castelo de areia, eu tenho que saber que eu quero balde, então eu vou falar Inglês, não vou falar assim “Imagina que você está na praia brincando com a areia, como é que você pediria o baldinho”, percebe?*

*Não, você tem que criar situações, a criança tem que estar na areia, tem que estar brincando e vai precisar do baldinho. O que ela vai fazer para pedir, ela vai pedir em Inglês. Aí ela vê que a língua que ela está usando naquele momento é eficaz na comunicação, não é um faz de conta, entendeu?”*

### **E o que significa a fase de Imersão?**

*“Então a imersão é exatamente isso, é quando você tem essas 20 horas por semana de Inglês, é uma imersão, você entra no período da tarde todos falam Inglês, professoras, a coordenadora, então é só Inglês. Imersão é você vivenciar a língua no seu dia-a-dia.*

*A gente recebe muitos alunos estrangeiros também, então a Educação Bilíngue ela também é isso, né. Ela faz com que nossos alunos tenham uma visão de mundo ampliada, que eles aceitem as diferenças. Até Agosto nós tínhamos dois finlandeses, então eles têm que se usar do Inglês para se comunicar, é a única língua que todos falam aqui, então eles conseguem se comunicar aqui através do Inglês, então por exemplo, um aluno estrangeiro gera na classe uma situação real, se não falar com ele em Inglês, ele não vai entender. “*

## Entrevista com a Coordenadora 2

### Como é realizada a alfabetização aqui na escola?

*“A alfabetização é feita na língua Portuguesa, a partir dos três anos eles começam a ter aula de Português por meia hora por dia, no G4 eles passam há ter 45 minutos por dia, no G5 são duas horas e no G6 é a manhã inteira, que é o período semi-integral, das 8:00 ao 12:00 é Português e da 1:00 as 3:30 é Inglês.*

*Como você me perguntou a questão da alfabetização em Inglês, a gente não faz essa transferência oficialmente.*

*Até o fim do ano, Setembro, Outubro eles já estão pelo menos silábicos, alguns já alfabéticos, eu não tenho mais nenhum pré-silábico no G5 esse ano. Todos estão silábicos ou alfabéticos, então quando eles entram no G6, a gente termina esse processo, dá esse fechamento nesse processo, todos estando alfabéticos já ortográficos, existe sim a possibilidade da gente colocar, fazer essa transferência, mas de uma forma muito informal ainda, muito lúdica e a partir da vontade deles, porque eles começam a perceber que existe pela escola outras palavras escritas em outra língua, então a gente em alguns momentos... eles agora, por exemplo fizeram um livro, um festival do livro em Inglês.*

*Como a nossa proposta não é que eles escrevam, que sejam, que saiam alfabetizados aqui em Inglês foi feito, eles fizeram umas dobraduras e construíram uma história em Inglês oralmente com a professora e isso foi registrado, cada um colou a dobradura e o texto veio datilografado, desculpe o antiquismo, mas o texto veio digitado e só colaram, ela lia o texto e eles colaram na pagina referente àquela fala dela, então era uma interpretação de texto na língua Inglesa.*

*E eles quiseram escrever coisas no livro, só que a gente não sabia qual seria a competência deles. Então ela foi colocando, então tá, vamos escrever o nome desses animais que eles fizeram dobradura e ela foi para a lousa e perguntou: como vocês acham que escreve “crocodile”? E eles foram falando as letras e ela colocando, não, eles mesmos escreveram na lousa, cada um da forma que achava, daí ela colocou a forma que ela conhece, que ela entende.”*

*Então eles quiseram escrever aí foram para a lousa, colocaram na lousa as palavras como eles achavam que era, daí ela colocou a palavra da forma como se escreve e eles compararam, onde havia a troca da letra, como por exemplo:*

*“Crocodile”, então escreveu A I e aí fizeram essa relação, por que o I tem o som aqui e lá tem outro som, então eles começaram a perceber, sabiam que o som era diferente e algumas palavras que já foram usadas, pois existem listas, por exemplo, de animais na sala, que ela usa na aula de Inglês, ela tem na parede, então eles sabem, quando ela pediu para escreverem “Cat”, eles puseram “Cat”, eles não puseram Q U E, entendeu... então eles, o fato deles terem essas referências, essas palavras estáveis pela escola ajuda na hora de você fazer essa transferência.”*

### **E essas salas G1, G2 é o quê, referente à idade?**

*“É em relação à idade. Então até o G2 é 100% inglês, a única aula dada em Português é uma aula de música por semana de meia hora, aí você têm duas aulas de música, uma em Português e a outra em Inglês, porque a proposta é diferente.*

*Na aula de música em Inglês é trabalhado vocabulário, principalmente como um suporte para o vocabulário, porque a aula de música permite que você dramatize muita coisa, você gesticule de forma que a criança entenda qual é a palavra, então você vai fazer “bunny” você faz assim (a coordenadora coloca as duas mãos na cabeça, imitando as orelhas), então a criança sabe que aquilo é um coelho e já começa a fazer essa relação.*

*Agora na aula de música em Português, não, aí o tema é musicalidade mesmo e do folclore brasileiro.”*

### **Quantas salas têm aqui na escola?**

*“18 é que nós abrimos salas de G1 no segundo semestre, agora me perdi estava tentando colocar aqui, então são 18 salas.”*

### **Todas funcionam ao mesmo tempo ou são 9 de manhã e 9 a tarde?**

*“Não, de manhã o número é maior, eu tenho três G1, três G2 e a tarde eu só tenho duas de cada. É o nosso... o grosso da clientela é G1 e G2, porque no G3 no meio do G3, eu tenho uma saída grande para as escolas internacionais, elas vão, algumas crianças já saem porque as escolas internacionais pedem que entrem, justamente pela questão da alfabetização, porque a alfabetização lá é feita em Inglês não é em Português, as bilíngües fazem em Português e as internacionais em Inglês.*

*Então no G3 elas saem e aí eu normalmente até tinha mais salas funcionando, salas maiores no G4, G5 e G6, mas agora como aumentou assim muito a procura das escolas internacionais e das escolas bilíngües, eles estão forçando as pessoas a irem mais cedo para lá. Então agora, por exemplo, eu não sei se eu vou ter o G6 no ano que vem, porque eles estão falando que se não for agora no G5, ano que vem pode ser que não arrume vaga, entendeu? Cada vez estão pegando mais cedo.”*

### **Qual é a média de alunos em cada sala?**

*“No G1 é nove por sala, no G2 dezesseis e do G3 em diante, dezoito.”*

### **E funciona período integral ou manhã?**

*“Eu tenho manhã, tenho tarde, tenho semi-integral e o integral, ta? O único que é obrigatório ser semi-integral é o de seis anos, que eu tenho as duas línguas, tem Português de manhã e Inglês à tarde. Os outros são opcionais e as crianças ficam tanto no semi-integral quanto no integral, os esportes que são oferecidos são também em Inglês, então a criança passa o dia na escola, ela passa o dia em Inglês.*

*O que acontece é que a criança na escola bilíngüe, ela fala Português com os colegas, então ela usa ainda muito o Português.*

*Até os três anos a gente tem como experiência, que se a criança entende o que ela está ouvindo, mas ela responde em Português, e isso é aceito até o começo de G3. É incentivada a oralidade, mas não é cobrada, a partir do G3 a gente sabe que tem algumas expressões, principalmente aquelas usadas na rotina, né? “Wash your hands”, que eles sabem, eles conhecem, então a gente no G3 começa a cobrar.*

*“Ah! Não entendi como é que é?” Vai incentivando que a criança comece a falar e isso vai aumentando gradativamente essa cobrança tá? Em nenhum momento, mesmo no G6 a criança é obrigada a falar Inglês, mas cada vez mais é pedido que ela se expresse em Inglês para que ela vá... e assim a gente cria situações em que a criança tem que falar Inglês.*

*Então eles apresentaram, por exemplo, um teatro no meio do ano no G6, que era todo em Inglês, então lógico que a gente considerou aqueles mais tímidos, que não conseguem se expor, então assim eles falavam um pouco menos. Eles escolheram as falas, então as falas deles, ele escolheu um pouco menor e eram*

situações muito divertidas, eles estavam fazendo simulações de situações do cotidiano, então dentro de um restaurante era uma cena onde tinham que pedir almoço.

Na realidade era um dia na vida de uma criança é isso, eles acordavam de manhã e tomavam o café da manhã, durante o café da manhã o que era pedido. Na realidade era a mãe, o pai e os filhos, o que cada um falava numa mesa de café da manhã. Depois na segunda cena era um almoço, depois era um passeio na praia e aí, ia a uma loja comprar uma coisa e depois acho que era o jantar.

Então são crianças que já estão muito familiarizadas com a escola. E assim o que me espantou esse ano, porque normalmente eles começam a querer ler em Inglês, todo ano acontece, no final do ano eles querem ler e saem lendo pela escola em Inglês. Esse ano eles quiseram além de ler, escrever em Inglês, então no livro deles, que eu estava te contando, vai o nome dos animais que eles fizeram a dobradura, vai escrito por eles em Inglês.”

### **Isso no G3?**

“No G6, eles terminam esse ano. São crianças que já tem a alfabetização totalmente assim sistematizada, já estão firmes nas suas hipóteses, já estão ortográficos, escrevem corretamente e mostraram uma curiosidade, um interesse pela escrita da Língua Inglesa.

E quando surge do grupo e normalmente surge todo o segundo semestre no G6 é colocado é trabalhado sim com as crianças, mas ainda é uma forma bem tranqüila, sem cobrança, porque não é a nossa proposta inclusive, porque muitos inclusive vão sair daqui, vão para... muitos não, alguns saem daqui para escolas brasileiras, então não vão mais escrever em Inglês.”

### **Qual a característica da criança que estuda aqui?**

“Bom... tem um pouco de tudo, tá? Agora tem uma coisa que é comum a todos, que acham que o Inglês é fundamental nos dias de hoje, então os pais que procuram a escola bilíngue querem que o filho tenha um diferencial ou ainda que tenha condições de estudar fora do Brasil, são vários que estão por esse motivo.”

### **Por exemplo, têm pais americanos ou estrangeiros?**

*“Pouquíssimos, eu diria que tenho, hoje eu tenho um chinês, dois japoneses, uma argentina e só. Porque assim, nós temos sempre entrando e saindo. Entrando existem, esse ano mesmo já tivemos dois ingleses que já voltaram para a Inglaterra, um americano, então existe sim esse movimento de passagem, agora não é o forte da escola, não.”*

### **Então as crianças não teriam essa vivência em casa, como aqui de escutar o Inglês constantemente?**

*“Não, agora o que faz diferença, por exemplo, em sala de aula é quando tem um estrangeiro, aí muda muito, porque as crianças quando tem que falar e sabem que ele não sabe falar Português, então tentam falar Inglês com ele.*

*Nós já tivemos esse caso no G4 esse ano, uma criança que veio dos Estados Unidos e ajudou muito no começo do ano, esse G4 fala mais Inglês, porque se arriscaram mais, então viram que conseguiam comunicar com o menino.*

*Isso eu tenho vários, também crianças brasileiras que moravam nos Estados Unidos e voltaram para o Brasil, então querem continuar com a língua e vem para cá também. Inclusive tem um no G2 que é uma graça, ele fala muito bem Português e fala muito bem Inglês, os pais falavam Português com ele em casa e ele já ia para a escola lá, então ele fala super bem Inglês e ele mantém e ele se expressa sempre em Inglês com a professora, muito legal e os outros às vezes tentam imitar ele, é muito bom, um falante em Inglês ajuda muito, mas não é o forte não.*

*Eu diria que 99 % da escola são brasileiros é a idéia, é que eles acham que... a gente sabe disso, é uma coisa que a gente coloca para os pais, a habilidade da língua, do aprendizado da língua, da faixa etária é muito maior do que depois dos 10 anos, então para se aproveitar essa competência da criança, os pais colocam nessas escolas e alguns inclusive colocam aqui, sabendo que depois vão para as escolas brasileiras e voltam para fazer o Inglês, fazer manutenção da língua.*

*Eu tenho o English Program, que funciona no período da tarde, a criança vem duas vezes por semana durante uma hora e meia, porque o que acontece é que as escolas de língua, elas não tem a maioria delas, não tem programa específico para essas crianças, então elas entendem tudo e já falam muita coisa, então quando chegam numa escola onde ela é classificada por idade, fica desestimulante, porque normalmente uma criança de seis, sete anos não sabe de nada de Inglês, então aí*

*fica muito disparatado e aí vem para cá, porque aí com 10 anos, a partir de 10 anos aí todas as escolas já classificam por conhecimento, eu tenho teste que é feito para a criança entrar, aí por mais que tenha 10, você pode ficar na classe com pessoas de 20, pela competência dele, mas isso não acontece antes, então aqui a gente tem até os 10 anos, porque depois vai para a escola de idioma mesmo.”*

### **E quais são as atividades que são trabalhadas com as crianças em sala de aula?**

*“Eu tenho milhares, em que área específica você gostaria de saber, de alfabetização?”*

### **Isso, principalmente de quatro a seis anos?**

*“Nossa, aí eu acho que é aquilo como vocês já viram na faculdade é o trabalho específico dentro de uma metodologia construtivista, então a criança é exposta a diferentes situações, onde ela vai poder explorar, primeiro conhecendo a comunicação escrita, como ela se processa, trabalha desde os símbolos até ler textos complexos, destacando palavras em texto, trabalhando com lifetagem de palavras e palavras estáveis.*

*Começa muito pelo nome da criança, também o nome a gente põe desde o G2, né? O G1 a gente trabalha com a foto, a chamada é feita com foto. Então vamos ver quem está aqui? Então fulano vem pegar a sua foto, para fazer a chamada.*

*Então no G2 eles começam o ano com uma foto com o nome embaixo e aí, então vem o fulano na chamada e assim eles vão semestre inteiro, no segundo semestre é tirado a foto e fica só o nome e eles começam a reconhecer o próprio nome.”*

### **Isso em Português ou Inglês?**

*“O nome em Português, mas o pedido é feito em Inglês, na aula de Português aí não, aí é uma análise, por exemplo, esconde os nomes e as crianças têm que achar, só pode pegar se for o seu, ela vai pegar o nome e olhar e ver que não é o dela e vai deixar no mesmo lugar, vai procurar em outro lugar.”*

### **Qual é o horário da entrada e saída das crianças?**

*“As crianças de manhã entram às 8:00 e saem 12:00 e a tarde da 13:30 até as 17:30. Isso no meio período. Eu tenho o semi-integral, que é das 8:00 às 16:15 e integral das 8:00 às 17:30.”*

**E como as crianças reagem a esse modelo de ensino? Como você vê? Eles se envolvem, gostam ou às vezes ficam envergonhadas ou tímidas por ser uma língua que não tem o costume de escutar em casa?**

*“É o seguinte, as crianças pequenas quando elas entram bem pequenas aqui, cerca de um ano e pouco, tem que estar andando para entrar, né? Então a partir de um ano e dois meses, um ano e três meses eu já tenho alunos aqui, normalmente com esta idade. Elas ainda não falam nem o Português, então a gente até já fez um levantamento de uma pesquisa, mais observação, qual é a média que eles costumam falar quando estão dentro da escola bilíngue.*

*Existe sim uma demora um pouco maior do que na Língua Portuguesa, quando só tem a Língua Portuguesa, só é exposta a Língua Portuguesa, essa demora não passa de dois meses, vai um mês, dois meses, mais ou menos, mas em compensação quando ele começa a falar, ele já começa a falar nas duas línguas, já expressa palavras que ele não tem, não tem esse repertório na Língua Portuguesa, às vezes ele tem na Língua Inglesa, nome de cores, nome de frutas, coisa que aqui eles escutam muito e que às vezes em casa não é citado.*

*Mas se ele não sabe numa língua, ele cita na outra, isso é muito comum, então passa a ser natural e é interessante porque a gente vê que essa forma de verbalizar traz para ele: primeiro, você tem um repertório maior, uma vez que você têm duas línguas; segundo quando eles começam a formar frases, muitas vezes misturam, coloca uma palavra de uma língua numa frase de outra língua e existia sim um tempo atrás, um preconceito em cima disso. “Ah está contaminando”, na realidade essa contaminação, vamos dizer assim, é extremamente produtiva, porque ela ajuda, porque às vezes você não tem, a criança não tem nem na língua dela aquele repertório que ela queria usar, então ela pára no meio não sabe o que falar.*

*Se tem uma outra língua, ótimo, que bom que ela tem, pode colocar aquela palavra ali, isso não significa que ela vai falar assim pelo resto da vida, com três, quatro anos ela começa a perceber a diferença das línguas, a estrutura das línguas diferentes, então ela é capaz de inverter um verbo para fazer a pergunta, ela é*

*capaz de colocar plural ou não, diferente da Língua Portuguesa, que é aquela coisa sempre constante e com cinco anos, eles já estão, eles não fazem mais isso, aí eles começam a ter vergonha, porque aí eles sabem que é uma língua e que é outra língua.*

*Eles começam a não querer mais uma palavra misturada na outra língua, então eles perdem um pouco o jeito, às vezes até enroscam na hora de falar, porque não sabe aquela palavra naquela língua, então por exemplo, essa menina (apontou para uma foto no mural) a Vick, ela outro dia, eu passei e ela tinha ficado de trazer essa foto, na realidade essa foto é de um convite de aniversário dela e que eu amei. Então eu falei “eu quero a foto da chapeuzinho vermelho”, porque aqui eu coloco só as fotos que eu ganho, né?*

*E ela falou que ia me dá a foto e aí eu cobrei aquilo, “cadê minha foto?”, eu perguntei em Inglês, “where my picture?” E ela olhou para mim e fez assim, já “coming”, então para ela é a coisa mais natural usar as duas línguas e aí tem uma outra no G2, dois anos e ela queria que eu sentasse no chão, eu entrei para dar uma olhada na sala e ela falou para mim “Quel fique aqui, sit aqui na line”, eu achei a coisa mais linda, aí sabe, você vê, ela tem um repertório, que linha não é uma coisa que elas ouvem em Português, é line o tempo todo e para ela aquilo é line e o “sit dow” ela conhece já, lógico, ainda mais ela que vive pulando pela sala e a professora o tempo todo fala, para ela sentar, então sit aqui na line é a coisa mais natural do mundo e ela tem dois anos e isso ajuda muito, faz com a que a criança tenha um repertório maior a ser utilizado.”*

### **Qual é a característica da clientela da escola?**

*“A clientela é classe A, eu não diria nem A e B, até pela própria localização eu vou te dizer, hoje a gente tem aqui, a gente oferece um repertório de atividade, de benefícios que realmente custam caro.*

*Então você tem uma piscina dentro da escola, você pode oferecer, porque a nossa proposta na realidade é que a criança tenha aqui dentro, tudo o que ela precisa durante o dia inteiro: estudar, fazer esportes, atividades culturais, para que os pais não precisem ficar pingando, então vai fazer natação no clube, vai fazer aula de teatro, ir à academia, tem o circo lá embaixo na vila Mariana, então tudo que ela quiser, quer dizer tudo não, né?*

*A gente até tem uma gama de coisas que as pessoas podem querer ou não, mas a nossa proposta é... porque a gente acredita nessa formação realmente global da criança. A criança não é só sentada numa mesa e aprender, não é só o cognitivo, também não é só o físico nesta idade, não é só o afetivo, ela é o todo, ela tem que se desenvolver igualmente em todas essas áreas e a gente podendo proporcionar isso na escola.*

*Eu vou te dizer, a maioria, lógico dos pais, 99% trabalham e as mães também, eu tenho muitas mães que trabalham aqui, a diferença assim, as mães que trabalham aqui não são mães que tem o compromisso de horário rígido como uma funcionária de uma firma, por exemplo, tá?*

*A maioria é autônoma e tem o seu próprio negócio ou já é uma executiva de grandes empresas e conseguem ter uma liberdade de horário, quando eu preciso delas como em eventos e datas comemorativas ou se eu chamar para uma reunião, elas têm essa disponibilidade. Mas elas querem que os filhos tenham uma oportunidade de ter aqui na escola, situações e atividades que elas não podem proporcionar dentro de casa, que não é uma mãe que pode sair e ficar levando o dia inteiro à criança para cima e para baixo, mas ela quer que o filho dela tenha atividades e essas oportunidades, então deixa aqui, então eu tenho hoje, acho que 1/3 da escola semi-integral, é um número alto, até para uma clientela dessas, é que o custo não vou dizer que é barato não. É um custo alto também, mas por isso eu digo que são pessoas que tem o poder aquisitivo mais alto.”*

#### **E qual é a média do número de alunos que estudam aqui?**

*“200 crianças na parte de educação infantil e fora o esporte, eu também tenho crianças de fora, crianças que fazem só esporte.”*

#### **As crianças que fazem só o esporte também são da classe A?**

*“A maioria delas são ex-alunos nossos, tá? Sai daqui e depois volta para fazer o esporte ou Inglês, eu tenho mais uns 100 alunos.”*

**Voltando naquele ponto que eu achei interessante que você comentou sobre a criança usar ao mesmo tempo as duas línguas, há pais que ficam preocupados, que não entendem e perguntam o que está acontecendo com o meu filho?**

*“Ficam, ficam preocupados, até eles trazem muito esses comentários, você vê que existe, por mais que seja divertido, eles contam meio como uma piada, você vê que eles estão preocupados. Aí normalmente eu falo “nossa é tão comum nessa fase é tão gostoso aproveitem, essa fase é muito divertida mesmo, as crianças normalmente fazem isso mesmo” e ficam mais tranquilos e eu explico o porquê elas fazem isso, como eu te expliquei.*

*Não existe aquela coisa da censura, pois quanto mais tem pior é, você vai percebendo o outro, enquanto você é tão egocêntrico que você não percebe o outro, você faz esse tipo de coisa, depois você percebe que existe o outro, que dá risada da sua cara, você começa a se censurar e não quer mais fazer, mas então tem que aproveitar mesmo esse momento que eles têm essa liberdade, porque a nossa preocupação, inclusive os nossos projetos, principalmente dos menores tem como o eixo principal o desenvolvimento da oralidade na Língua Inglesa.*

*Isso eu acho que é uma diferença forte entre a escola bilíngüe e a escola brasileira, na escola brasileira o foco do projeto é diferente, a gente tem esse foco também da interdisciplinaridade, da objetividade, da informação tudo isso a gente tem, mas a gente tem o foco principal, o eixo principal que passa por todo o projeto, que é a Língua Inglesa. A gente quer que a criança até os dois, três anos tenha a oportunidade de verbalizar determinados sons, porque para você falar “doth” é completamente diferente, não existe esse som na Língua Portuguesa, se a criança não tiver a oportunidade de ouvir, como é... eu tinha um professor meu, que falava de reverberar esse som, eu achava ótima essa palavra, talvez ela não consiga discriminar com muita facilidade, então é importante que ela também faça o som e não só escute.*

*E isso ela só vai conseguir fazer, só não, vai conseguir fazer com mais facilidade, através da música, então a gente usa muito a música e a poesia.*

*Rise and Finger play usa no G2 é um projeto do primeiro semestre no G2, então são aqueles versinhos, aquelas rimas que são repetidas, todas elas do folclore americano, né? Porque vem de lá mesmo, então como a gente tem nana nenê, eles têm também essas musiquinhas, essas rimas e a gente usa então elas, no semestre eles fazem no final do semestre eles fazem uma apresentação, mas não diretamente com os pais, elas fazem essas apresentações e a gente filma e depois chama os pais para ver, essa coisa de pôr a criança para fazer não faz, ela chora é um horror, não fala e os pais ficam frustradíssimos.*

*Então assim a gente trabalha durante o semestre e filma... a gente faz o making off disso, mostra as crianças no começo, que não conseguem nem ficar em roda para cantar ainda e mostra isso para eles “olha aqui está o começo do semestre, olha como era quando a professora cantava, parecia que ela estava cantando sozinha” e aí no final do semestre, já a criança fazendo e no G1 também, G1 também trabalha com essa oralidade.*

*Até o G3 a gente tem esse foco muito forte, depois continua lógico, mas ai já entra mais Ciências, Matemática e outras áreas com mais força do que no G1, G2 e G3.”*

### **Então do G4 até o G6 vocês têm o foco na fala na Língua Inglesa?**

*“Não, no G1 até o G3 eu quero que eles verbalizem, porque o G4 verbaliza com maior espontaneidade, eles sabem falar, geralmente quando você tem uma língua estruturada, no caso deles é a Língua Portuguesa, você fala uma segunda língua, você sabe como funciona a comunicação, vamos dizer assim, então é mais fácil ele falar na hora que é cobrado, por mais que ele tenha vergonha, ele fala, você não consegue mais não falar, então por exemplo, você está numa sala de aula é a gente trabalha sempre jogando a questão para a criança resolver, nunca dá soluções prontas e nunca você dá informação pronta, nunca.*

*Então vou trabalhar com natureza, então não vou dar para eles, olha hoje vamos trabalhar o reino animal, olha esse é o cavalo, essa é a vaca e isso é a onça, não, existe sim vamos coletar elementos da natureza aqui na sala, vamos trazer só os animais, então coloquem os animais, então a criança traz o animal e coloca ali, como a gente pode separar esse animal, então sempre pergunta, ele tem que falar, senão, né?*

*Vai passar o dia inteiro mudo, não consegue nem se eles quisessem e é assim, ontem mesmo eu estava assistindo uma aula no G4 e eles estavam mexendo com terra, estão trabalhando com o reino mineral agora. Eles pegaram terra, na realidade o projeto deles se chama natureza e cultura “Nature and Culture” e eles têm que perceber trabalhando com elementos da natureza no que eles podem ser transformados, até que eles cheguem no final do ano e percebam que tudo que existe na nossa cultura, todos sem exceção vem de um elemento da natureza, quando eles chegam a essa conclusão, isso eles chegam sozinhos a professora nunca vai falar isso para eles.*

*Porque eles vão trabalhar tanto, tanto, que uma hora eles sempre perguntam, tudo vem da natureza, pois é, tudo vem da natureza, então eles vão começar a entender que a preservação da natureza não é para ser ecologicamente correto e ponto, porque eles entendem que nós homens dependemos da natureza, porque eles entenderam e não porque a professora comentou isso para eles e se a professora dá isso, pode não fazer sentido, não tanto se você conclui, porque você levantou uma hipótese e confirmou a sua hipótese é realmente nós dependemos tanto que nós precisamos cuidar para ter, se a gente não cuidar não vai ter, essa é a proposta da nossa aula de ciências, desde pequenos eles vão trabalhando seqüencialmente e eles sabem, então nesse momento eles estavam transformando a terra e nem eu sabia disso, mas eles podem fazer juntando terra com cola e um pouco de água e faz uma tinta com aquilo e fizeram uma pintura e ficou muito linda a pintura que eles fizeram e aí a professora botou a terra e perguntou “o que vocês acham que a gente vai fazer hoje” e eles viram que atrás dela tinha um pote de cola e água e aí eles não agüentam eles falam, tem que falar e ali no G4, eles sabem que a professora finge que não entende quando eles falam Português, então eles se esforçam muito mais para falar Inglês e aí eles falam, eles chutam é muito engraçado, eles inventam palavras.*

*Eu lembro uma vez um menino falou uma palavra muito engraçada, ele queria falar... ah! Ele queria falar, era uma brincadeira de adivinha e era jacaré, mas ele não lembrava como é que falava em Inglês e ele estava com tanta pressa de falar, com tanta vontade de falar que ele falou “é um “jacadile”, ele lembrou o começo de uma palavra e o fim da outra e a classe morreu de rir, porque foi engraçado, então eles se esforçam, eles tem essa necessidade, sentem necessidade de falar em Inglês e eles falam mesmo, mas porque eu comecei a falar isso mesmo? Ah! No G4 e no G6 existe sim o foco na Língua Inglesa, quando nós preparamos o projeto, nós queremos que eles aprendam um novo vocabulário, que a gente pode ampliar o vocabulário deles através dos projetos em assuntos diferentes, por exemplo, pode se falar em natureza na Língua Inglesa é mais sofisticado, o G1, G2 e G3 não, eu quero que eles se expressem porque eles estão no auge do desenvolvimento da linguagem e ali que ele vai discriminando sons diferentes e a gente sabe que quanto antes discriminam esse som mais natural vai ser, menos um obstáculo vai ter no futuro, tá?*

*Então se eu não tenho, se eu não escutei aquele som, não verbalizei aquele som até uma determinada idade, dali para frente vai ficar mais difícil e aí, como é que você vai fazer uma criança falar em Inglês com dois anos de idade, obrigá-la a falar, você não vai obrigar e se forçar, você pode fazer com que a criança não fique com aquilo, o ideal nessa hora é realmente a música, que é uma coisa muito gostosa para a criança é uma coisa que toda a criança se envolve e participa. Então através da música ela verbaliza é lógico que eles falam muito errado, até um dia que eles começam a perceber que o som não é aquele e vai apurando o som vamos dizer assim, então você vê as crianças que já falam perfeitamente as palavras com dois anos, através da música, elas conseguem cantar as palavras entendendo exatamente que o som daquela palavra e é importante que ela faça isso, eu não tenho durante uma atividade, uma circle “você tem que falar Inglês”, não dá, você não pode fazer isso com uma criança de dois anos, alias eu não faço com nenhuma idade, mas com um de quatro ou cinco, você fala que não está entendendo, ele se esforça para falar, mas um de dois ele não está nem aí se você não está entendendo.”*

#### **E no G4 há um estímulo maior na escrita em Inglês?**

*“Não só no G6, antes disso a gente não faz nada escrito em Inglês só em Português.”*

**Mas se há alguma criança no G4 que queira escrever, por exemplo, como você comentou elefante, aí a professora pode mostrar?**

*“Pode mostrar, porque a criança pediu nada é proibido, tá? Mas em nenhum momento é incentivado ou exposto, a gente tem lógico em sala de aula o nome do projeto que é em Inglês, tem algumas palavras em Inglês. Agora a sala de Português é outra, justamente para não misturar as coisas, saem da sala deles para ir para a sala de Português, crianças de três e quatro anos.*

*O ambiente de Português é outro, ali na sala de Português é exposto todas as palavras, textos, tudo que você possa imaginar da Língua Portuguesa, o alfabeto tá lá também, então ali sim é um ambiente do Português e tem muita escrita no Português, na classe em Inglês menos escrita, tá?*

*Ai no G5 eles têm duas salas, a de Português e Inglês, então eles trocam a turma, enquanto uma turma do G5 está no Inglês a outra está no Português é*

*praticamente a metade do dia, são duas horas, eles têm meia hora a mais já a partir do G5... entram quinze para as oito até meio dia e quinze, tem meia hora de aula a mais.”*

**Se uma criança agora é matriculada com seis anos na escola ela é aceita?**

*“Só se tiver domínio da Língua Inglesa, senão não.”*

**Ou então com quatro anos?**

*“Então o que acontece é assim, a gente tem com quatro anos, ainda vem, mas a gente explica para os pais que a questão do Inglês vai ser difícil, que não vai ter a mesma competência que a criança que está aqui desde um ano, que é diferente, bem diferente, eles saem entendendo um pouco o que é a Língua Inglesa, entende um pouco a estrutura da língua, algum repertório, mas um repertório bem menor e principalmente acho nessa faixa de estrutura de língua que eles tem mais dificuldade, eles tentam fazer traduções literais, então se ele vai perguntar que cor é... não aí não é necessário não, mas se ele tem que inverter, teria que inverter o verbo no começo da frase, ele não consegue muitas vezes não consegue, faz exatamente como fala em Português, ele não percebe que existem essas estruturas, está tão acostumado a falar a Língua Portuguesa.*

*Então ai ele faz realmente essas traduções literais, entendeu? Aí já é mais difícil. A professora repete quando se fala, a professora repete da maneira correta, então ele vai pegando, depende muita da criança também, tem crianças que pegam rápido, mas algumas realmente têm mais dificuldade nesse sentido. Mas depois de um ano, dois, ai eles já estão no G6, né?*

*Então tem, por exemplo, essa menina que eu te falei, ela entrou na realidade eu falei que ela entrou no G3, mas não foi não, ela entrou no G4, no começo do G4, ela teve bastante dificuldade no começo de entender e ela não queria, sabe, ela rejeitou um pouco a Língua Inglesa, hoje ela entende tudo, ela fala, lógico que os outro tem mais facilidade, ela pára um pouco ainda para pensar quando ela vai falar e os outros como estão aqui desde pequeninhos, eles são mais espontâneos nessa verbalização, mas ela está bem nas duas línguas agora, já está alfabética, escrevendo tudo na Língua Portuguesa ela está quase na frente deles, mas no Inglês eles ainda tem mais uma facilidade, uma espontaneidade maior.”*

### **E comum ter essa rejeição?**

*“Existe, não é comum, mas existe, eu tenho casos assim de crianças que não gostam.”*

### **O que é feito em relação a isso?**

*“Então, hoje na realidade eu não tenho mais, mas eu lembro de uma menina que ela desligava totalmente durante a aula e foi engraçado, porque ela tinha... é que ela também entrou tarde aqui. Ela entrou no G4, ela fez o G4 inteiro e ela não ia, não ia porque não queria o Inglês de jeito nenhum e aí no começo do ano seguinte, a mãe colocou ela numa escola brasileira e trouxe ela para cá para fazer o Inglês. Nossa ela esperneava para vim para cá, ela esperneava.*

*Eu falei para a mãe, não adianta forçar deixa ela crescer um pouco isso, porque para ela... a criança tem uma certa fantasia, fantasia não no caso dela, era real né? De que é difícil, você tem que concentrar mais quando você não entende a língua e prestar uma atenção grande na professora, nos gestos, porque as professoras também na escola bilíngüe são diferentes, ela tem um trabalho diferente da professora de uma escola brasileira, e você tem que prestar muito mais atenção naquela professora e no que ela está fazendo e no que ela está falando.*

*Então a criança não está muito estimulada ou que já não tem uma facilidade de se manter atento, aí dispersa mesmo, mas eu acho que hoje, o que na realidade... a grande maioria que eu tenho hoje já vem desde pequeno para a escola e isso acontecia mais quando as crianças entravam no percurso, porque lógico a escola no começo... é tinha menos alunos cabia mais crianças em todas as salas, agora não, as salas estão cheias, as crianças estão aqui desde o começo, então é outra coisa, outro trabalho, agora realmente quando entra no G4 é bem mais difícil.*

*Entrar no G3 ainda é tranquilo, mas o G4 já complica mais, porque justamente a criança também se sente um pouco fora daquilo, né? Ela percebe que todo mundo entende menos ela, então depende da reação se a criança é uma criança que corre atrás, que busca vencer os obstáculos, ótimo ela vai, se ela pensa um pouco mais acomodada e está mais acostumada a ter tudo na mão, na boquinha o tempo todo, quando chega aqui e vê e tem essa dificuldade toda na língua, as vezes ela dá uma travada, agora tem outros que já superavam, que rejeitaram inicialmente depois acabam superando.*

*Eu lembrei de outro caso, um menino também que no começo só faltava virar de costas quando a professora falava e via que ele não gostava porque não entendia, ele estava muito irritado porque não entendia o que ela estava falando. Hoje ele fala Inglês, hoje está no G4, ele entrou no G2 e hoje ele fala Inglês e no começo ele não gostava, então assim... eu acho que tem, mas a maioria acaba superando isso, mas no caso dessa menina que eu te contei, ela não superou, ela não quis, ela se negou, mas também foi um caso.”*

### **Ela saiu?**

*“Saiu porque não quis e a mãe percebeu que estava sendo muito complicado para ela, muito difícil e nossa fizemos um trabalho enorme com ela, inclusive a proposta e que ela fizesse um reforço em Inglês no outro período e ela não aceitava, não queria e foi um caso bem diferente.”*

### **Então aqui vocês também dão reforço na Língua Inglesa?**

*“Nesse caso sim, quando é necessário sim, mas não tenho... porque assim como não é uma aula formal de Inglês, em que a criança vai fazer uma prova depois, ela tem tempo para desenvolver isso de acordo com o tempo dela, essa é a proposta, né?”*

*Então se ela está no G2 eu vou esperar até o meio do ano para falar e ela não falou eu vou forçar? Não, vou continuar oferecendo e aí sim, isso já aconteceu várias vezes principalmente na classe do G2 de falar com a professora “oh, quando for falar com essa criança gesticule mais, use seu corpo, porque a professora de escola bilíngue ela tem um trabalho de expressão corporal muito maior, né?”*

*Porque a gente transmite muita coisa na linguagem não verbal e isso é explorado na escola bilíngue, se você não fizer isso fica muito difícil para eles te entenderem, então é aquela coisa “wash your hands”, lava as mãos (a coordenadora faz o gesto com as mãos), o tempo todo você está gesticulando e está trabalhando expressões, então você tem que fazer as expressões, porque a criança ainda não consegue absorver, não absorver, simbolizar através só da fala.”*

**Esse é o diferencial que você falou da professora de uma escola bilíngue para uma professora da escola tradicional?**

*“É a expressão corporal.”*

### **Tem outra diferença além dessa?**

*“Oh, eu sinto que os professores eles ficam um pouco agoniados com a questão da criança não ter compreensão, que uma criança tem na escola brasileira, então é como se a criança estivesse perdendo tempo, não perder tempo vai, perdendo coisas que ela teria numa escola brasileira, que não tem, que demora mais para ter aqui e é o que eu sempre falo é só no primeiro ano de escola, depois vai para o segundo ano, elas vão percebendo que é assim mesmo.*

*Primeiro a criança que vem para uma escola bilíngue ela já tem um a mais, ela tem uma língua a mais, né? E que por mais que possa demorar, é o que eu te falo um mês, dois às vezes três meses, não, no caso da linguagem é um, dois meses. Mas aqui, por exemplo, elas conseguem dar meu projeto de Matemática, ele é bem complexo e elas acham que no começo não vai conseguir, que as crianças não estão entendendo o que ela está falando, que ela não vai conseguir fazer e aí ela começa a perceber que quando ela professora está segura, tem conhecimento suficiente do que ela está trabalhando e de como se processa isso na Língua Inglesa na criança, aquilo se desenvolve mais fácil.*

*Então eu me lembro da professora do G1, primeiro ano que eu fiz um trabalho com ela, expliquei para ela como era e ela falava “mas isso na Língua Inglesa não vai rolar, não vai”.*

*Porque é aquela coisa, eles entendem muito por gestos e ali tinha muito material para trabalhar e eles tinham que associar, ela fez o material que era de associação, na realidade eles formavam, eles espalhavam os elementos que ela fez com tampinhas de garrafa e bandejinhas de isopor, a gente usa muita sucata, né? E eles tinham que colocar as tampinhas nessas bandejas e ela falava assim “eu vou falar e eles não vão entender”.*

*Faça e depois você me conta como é que foi e aí então ela começou e eu falei para ela, você faça uma vez e vê o resultado que isso vai dar e aí ela fez uma vez e depois ela espalhou o material e foi chamar as crianças e eles fizeram assim. Primeiro passo é muita exploração do material no G1 e G2 principalmente.*

*Então aquela coisa da gente nivelar por baixo, porque eles não vão entender coitadinhos, então eu não vou fazer, então já aconteceram vários casos, mais assim um clássico que eu uso como exemplo, ela deu para as crianças copos de toddy, caixinhas de “toddy” vazias e tubinhos, aqueles que guardavam filmes fotográficos e misturou numa caixinha assim e deu para eles brincarem e uma das crianças*

*montou, uma caixinha, um tubinho, uma caixinha, um tubinho e ela estava fazendo uma sequência, então assim, os professores muitas vezes acham que as crianças tem que saber fazer uma coisa que eu mandei fazer, se ela faz por conta própria, muitas vezes o professor não dá valor, não é?*

*Se eu mandei fazer e ela fez, ótimo, ela tirou dez. Agora se ela fez sozinha, não estou nem olhando, entendeu? Então isso que eu falo, você tem que dar possibilidade só e repare no que elas fazem, sempre tem uma intenção que ela manifestou, dá prosseguimento aumentar esse desafio dela.*

*Então assim nesse dia ela teve em seguida uma outra criança, com o mesmo material ali, pegou sentou do lado. Eu estou falando de crianças com quase dois anos, porque isso já era no meio do ano mais ou menos, acho que era no começo do segundo semestre, então eles começaram a fazer dois anos no segundo semestre e ela pegou o tubinho de filmes e foi colocando um do lado do outro, um do lado do outro e fazendo uma fila.*

*Eles fazem muitas torres e filas e aí ela foi pondo e a professora só olhando, maior concentração, coisa que você não consegue se você fizer uma proposta, você não consegue uma criança de um ano e meio, dois anos faça uma coisa dessas, mas como era uma brincadeira para ela, ela estava fazendo porque ela queria, ela foi pondo e aí até que ela olhou e não tinha mais tubinhos, tinha acabado todos, só sobraram às caixinhas espalhadas e ela parou e ficou olhando para aqueles tubinhos e a gente percebia que ela estava incomodada com aquela situação, não estava bom para ela, alguma coisa não estava legal e estavam todos lado um do outro.*

*Não tinha por que e aí estavam todos de cabeça para baixo e pôs todos e aí ela olhou sorriu, levantou e foi embora e a professora não entendeu o porque ela fez isso e eu conhecia, tinha visto o material estou sempre junto com ela lá na sala e eu falei “você está falando daqueles tubinhos” é, “aqueles que tem umas cinzas e outras pretas”, ela falou é. A tampa estava incomodando ela, porque provavelmente estavam misturadas, então não tinha uma lógica para ela, naquilo, então o que ela fez virou de ponta cabeça, ela não viu mais nenhuma tampa colorida, estava tudo preto e ela levantou e foi embora.*

*Então é isso que você tem que dar oportunidade, porque se você falar coloque em sequência os tubinhos, a criança não vai fazer, ela não entende o que é sequência, o que é tubinho, não sabe para quê fazer aquilo.*

*Se você der o material e deixar explorar, que você fazer coisas, mostrar que você está concentrado e que aquilo é divertido a criança vai fazer também, você é o modelo da criança.*

*É o que eu sempre falo, não adianta chegar e falar para a criança “não jogue o papel no chão”, adianta você passar e ver o papel no chão catar e jogar no lixo, a criança vem atrás de você vai fazer a mesma coisa. Se eu pular o papel a criança vai pular também, não vai dar valor naquele papel, então é isso, você é o modelo principalmente, quanto menor mais modelo você é para essa criança. Então dramatize muito faça muito, porque a criança vai atrás e na Língua Inglesa isso é fundamental, porque a compreensão na Língua Portuguesa já é difícil, na Língua Inglesa é muito mais, né?*

*É um complicador, então você tem que acreditar, você tem que acreditar que a criança vai entender é uma questão de paciência, você tem que ter paciência para que a criança realmente se ambiente ao local, as pessoas e a língua é uma terceira adaptação. “*

## **Anexo C – Entrevista com a Professora**

**Não foi realizada uma pergunta específica, a entrevistadora estava explicando a proposta de seu trabalho acadêmico e a professora relatou sobre sua experiência.**

*“Uma vez eu estava com uma classe de pré e a gente ia fazer uma lista de brinquedos, porque a gente trabalha com muita lista, então faz uma listagem do que a gente tem de brinquedo e a criança vai estar se apropriando da escrita, coloca assim em ambiente alfabetizador, a escrita em todo o lugar da classe, para ele poder se apropriando das letras, da escrita das palavras, como elas acontecem.*

*Então a professora de Inglês divide a classe comigo, então tudo o que tem em Português está escrito em Inglês, então por exemplo, eu tenho armário, embaixo está “locker”, a caixa de brinquedos tem “toy”, então a palavra em Português e a palavra em Inglês escrita no mesmo objeto, para a criança poder estar entendendo que como é uma escola bilíngue, tem as duas coisas ali.*

*Enfim, eu vou te contar o que aconteceu, a criança depois que a gente fez a lista de brinquedos, aí eu peço para eles formalizarem na parte escrita, então pode haver a cópia ou não, às vezes a criança tem a maturidade de copiar o que escreveu, às vezes não, escreve do jeito dela, então eu pedi para eles escreverem “agora nós vamos fazer a nossa lista de brinquedos”, porque nós já tínhamos feito o cartaz, “só que agora vamos escrever no nosso livro, então vamos lá: lista de brinquedos, então vamos escrever brinquedo” e aí o aluno foi e escreveu “toy” e ele estava na minha aula.*

*Então para ele era muito mais fácil escrever “toy” do que escrever brinquedo concorda? Brinquedo é enorme e “toy” é muito rápido e fácil, né? E como tinha na classe todas essas palavras, ele tinha se apropriado, então ele escreveu e depois continuou a lista toda em Português, tá.*

*Na hora do título da lista, ele colocou “toy” e ele colocou o resto em Português, do jeito dele, faltando letra, naquela fase da... pré-silábico, silábico alfabético, então ele ainda estava numa fase pré-silábica, mas aquilo lá o “toy” ficou gravado, eu não corriji, deixei com a escrita dele e depois até conversei com a professora de Inglês, que ela não trabalha mais aqui e ela achou fantástico, porque na época estava fazendo Magistério Superior, eu acho ou era uma Pós-Graduação,*

*eu não sei direito, inclusive ela colocou esse exemplo, ela xerocou e colocou esse exemplo no TCC dela e colocou na apresentação.”*

*Então o que acontece dentro da cabeça deles, né, a gente mesmo não sabe, a gente dá o subsídio para a criança, a gente joga as informações, a criança se apropria daquilo que ela achar que é conveniente no momento dela, então por exemplo almofada, muitas vezes eu falava algumas palavras em Inglês com eles também, “então coloquem seus “pillow” no lugar, né, e a professora de Inglês falava “put the pillows away”, parece que é assim que se fala? Nem sei direito, então eles iam se apropriando, ai eu colocava almofada e ela colocava “pillow”, entendeu?*

*Então tudo tinha o ambiente que motivava a criança à escrita das duas línguas, tanto o Português quanto o Inglês e era basicamente assim que a gente trabalhava, não tinha um compromisso de alfabetização na pré-escola, isso acontece lá para cima no segundo ano, no terceiro ano, que aí a criança começa sim a ler em Inglês e a escrever em Inglês, começa a fazer pequenos textos em Inglês.”*

### **Isso com quantos anos?**

*“Eu acho, a partir dos oito anos e meio, a criança já começa a escrever pequenos textos em Inglês.”*

### **Antes disso?**

*“Pequenos textos não, apenas a linguagem oral, né, muito... e a escrita ela é estanque, por exemplo, a professora dá uma palavra, uma figura “dog”, então ela dá escrita com sílabas pequenas, por exemplo, palavras pequenas “dog”, “cat”, entendeu? Na educação infantil a criança se apropria da fala e aí Fonético.*

*Tanto é que a minha alfabetização tinha que ser fonética também, porque não podia fazer o silabado, ba, be, bi, bo, bu, porque se eu fizesse ba, be, bi, bo, bu eu estava indo contra a proposta do Inglês que é fonético, dog, entendeu? Então eles falavam do, do, qual é a letra, né.*

*Então eles aprendiam que era fonético, então eu tinha que fazer o fonético também, porque se eu fizesse o silabado ba, be, bi, bo, bu isso ia dar um choque entre as duas idéias, então eu tinha que fazer também o fonético. Na verdade era o ideal, porque é o mesmo do Inglês em alguns aspectos, né? Algumas vezes eles se confundiam quando era “house”, porque eu ensinava o RRRR do “R” e o “house” é com “H”, né.*

*Então eles tinham aquele choque de informações que era muito bom, por que o que acontecia, eles aprendiam uma coisa nova, porque eles aprendiam que o “H” em Inglês tinha o som do “R”, como eu já tinha ensinado o “R”, então para eles era simples, então não adiantava... eu achava que o silabado era melhor, então vamos fazer ba, be, bi, bo, bu e a professora dá o fonético, a criança fica completamente perdida, entendeu?*

*Então a gente trabalhava assim, na escrita de palavras era uma escrita constante, tudo que eles aprendiam, eles escreviam, sempre escreviam e deixavam no quadro, no varal ou na mesa, escrita, por exemplo, “table” e mesa, ficavam escrita na mesa o que era, então ficava uma coisa sempre, tinha sempre o visual, o visual para eles era o mais importante, o visual e o concreto e a partir daí vão trabalhando e fazendo a alfabetização acontecer, era uma coisa tão natural, que eu não sei te dizer em que parte, em que momento eles começaram a aprender, porque era uma coisa natural.*

*No começo do ano, entre aspas eles não sabiam nada, porque a criança sempre sabe muito, né? Então eles não sabiam nada, vai, de repente eles sabiam muito, a gente escrevia na lousa, por exemplo, uma vez ela escreveu “Clown” e assim, o aluno estava lendo, ele estava lendo o que ela estava escrevendo, porque ele já tinha se apropriado da leitura em Português, então ele passou para o Inglês e ela só corrigiu a pronúncia, entendeu?*

*Então é uma coisa tão mágica, que não dá para te falar assim é no final do ano. Existe também a facilidade da língua, tem crianças que tem facilidade para aprender a segunda língua, têm outras que tem um pouco mais de dificuldade, não é que ele não vai aprender, ele vai aprender, mas com um pouco mais de calma.*

*E a própria dinâmica da escola bilíngue favorece, porque eles vivem a língua como a língua materna, nós aprendemos por quê? Porque nós vivemos aquela língua, nós estamos em volta do contexto de vida para aprender e na escola bilíngue é a mesma coisa, se de manhã a escola inteira vive o período de Português, que é a vivência deles, eles adquirem a língua, não é assim que os bebês aprendem?*

*No período da tarde se troca todo o corpo docente, então entram os professores de Inglês, que é através, no caso dos pequenininhos do Kinder 1, os professores lançam alguns comandos, algumas palavras, isso flui naturalmente como contexto, pois se a criança pede para ir ao banheiro, o professor de Inglês vai colocar a frase de como ele tem que pedir para ir ao banheiro, isso vai sendo uma*

*exigência, então como é...faz parte do contexto deles, eles estão vivendo um período só de Inglês, a princípio é muito visual e auditivo, eles vão se apropriando da língua, então eles caminham juntos o Português e o Inglês, eles vão caminhando. Quando a criança entra nesse estágio, por exemplo de que meu “bus” chegou, o meu “bus” chegou, ela misturou o Português com o Inglês, é porque ela já está associando.*

*Ela não está traduzindo, não existe uma tradução, ela não está traduzindo, ela está falando o que ela já aprendeu, para ela tá vivo. Ela está no período que chamamos de imersão*

*Eu tinha uma mãe que falava assim “meu filho não fala amarelo só fala “yellow.”*

### **Os pais ficam preocupados com a união das duas línguas?**

*“Não, não, eles acham maravilhoso, então teve uma vez a professora de Inglês que eu trabalhava com ela, ela me contou que a... eu recebi elogios fiquei tão feliz, eu falei então me conta.*

*Ela falou assim, que ela estava comprando uma batata no supermercado e a batata se chamava “smile” e a mãe falou assim, a batata... eu vou comprar, a batata esmile e a menina olhou e falou “mãe não é esmile é smile”. Então quer dizer, de repente... a mãe leu o que estava escrito e a criança traduziu a pronúncia, né? Interpretou certíssimo, porque todo mundo conhece a cara sorridente e fala que é o smile e a mãe falou “vou comprar a balata esmile e a criança corrigiu, a criança tinha na época quatro anos, então a mãe ficou felicíssima e veio falar com a professora de Inglês, super contente com a pronúncia da filha.*

*Lembro da minha filha também, que estudou aqui. Meu marido falou assim, como é que... eu não lembro muito bem a pergunta, só sei que ele falou assim, estávamos falando de cachorro e ele falou em Inglês, como é que é? E ela falou “dog”, o papai sabe que é dogui e ela olhou e falou assim “pai não é dogui é “dog” (risadas), entendeu?*

*Então é assim, por isso que é rico que ele saia com o Inglês, com uma pronúncia muito boa, não é uma pronúncia sei lá, uma pronúncia mesmo que a gente adquire com o passar dos anos e eles com quatro anos já tem uma pronúncia certa das palavras.”*

### **Como é dividido o ensino infantil?**

*“Três anos o kinder 1, aí passa para o kinder 3, porque o kinder 1 e 2 até três anos e kinder 3, crianças com quatro e cinco anos e o pré, que entra com cinco e sai com seis.”*

### **E é no pré que se introduz a escrita?**

*“Não, não, no kinder 3 também, mas não é cobrado, introduz desse jeito que eu te falei, existe um estímulo visual, um estímulo do livro também, que está escrito em Inglês, então eles podem tá vendo as letrinhas e aprendendo o alfabeto em Inglês já no kinder 3, aí no pré que seria o primeiro ano aí sim, eles aprendem a escrita das palavras, das pequenas que eu te falei “Cat”, “Dog”.”*

### **E o Português como é trabalhado?**

*“Também é desse jeito, escrita de palavras, a gente trabalha muito o nome, nome é fundamental na área de Português, porque é a coisa que a criança tem a imagem mais concreta, para ela é o nome. Então a partir do nome dela, do nome do colega e do nome da coisa, porque tudo tem um nome, né?*

*Então a mesa tem o nome de mesa, você tem o seu nome, ela tem o nome dela, então tudo tem um nome. As crianças entendendo que as palavras, que os nomes podem ser escritos através de letras e não só falado, isso é muito importante. Quando eu dei uma vez uma letra de música, eu escrevi a letra da música, um aluno falou uma coisa para mim que eu achei fantástico, eu anoto muito que esses alunos falam, porque eu acho que a gente aprende tanto com eles, né.*

*Ele falou assim “nossa eu não sabia que música também podia ser escrita eu pensei que só poderia ser cantada.” (risadas)*

*Foi uma descoberta que ele fez, que eu achei fantástica, né. E a partir daí eu fui escrevendo todas as músicas que eles cantavam e aí o que eles faziam a gente punha na parede, quando eles iam... quando eu estava dando por mim eles estavam cantando assim “Borboletinha tá na cozinha...com o dedinho, fazendo chocolate para a madrinha”, então eles estavam passando o dedo embaixo de cada palavra e cantando o que estava escrito ali, como ele estava cantando e com o dedinho acompanhando, então aí a gente parte para a segunda etapa, aí você pergunta aonde está escrito borboletinha, ele já sabe a música, ele deve saber que é a primeira palavra, então tá aqui borboletinha, então ele vai entendendo, ele vai*

*visualizando a palavra, familiarizando com as letras, então ele vai entendendo, é uma coisa natural, nada forçado.”*

**Você dá aula para o kinder 3, de quatro e cinco anos?**

*“É, agora eu estou com o terceiro ano, eles já sabem tudo (risadas), não tem muita descoberta, é um trabalho diferente, mas eu trabalhei 11 anos só com educação infantil.”*

**E quando você lecionava, percebia que as crianças na escrita misturavam o Português com o Inglês?**

*“Assim é raro, a não ser que eles quisessem buscar caminhos diferentes, como no caso que eu te relatei, daquele menino que começou com “toy”, porque ele achou que brinquedo era difícil para ele escrever, então meio que ele achou um caminho, entendeu? Buscou um caminho dele, mas não é comum, eles sabem dividir bem a professora de Inglês e a professora de Português, eles sabem dividir super bem, tanto é que eles chamam a professora de Português de professora e a professora de Inglês de Miss, então eles dividem bem.*

*Até hoje a minha filha chama a professora de Inglês de Miss, elas vão para a minha casa, oi Miss, tudo bem Miss?”*

**Quantas classes há no kinder 1, kinder 2?**

*“Uma de cada.”*

**E quantos alunos por classe?**

*“12 alunos, 13 alunos.”*

**E como você percebe que as crianças reagem a esse modelo de ensino bilíngue?**

*“Acho que para eles é normal. Para eles é natural, porque é o professor que tem que passar a segurança para a criança, então é minha opinião, então se para o professor é natural essa mudança, ele entra e começa o dia naturalmente, para a criança não vai ter problema nenhum.*

*Inclusive para os mais velhos, eu já fiz atendimento com a coordenadora de Inglês no período de Inglês, em que o aluno entrou na coordenação e conversou*

*com a professora de Inglês em Inglês obviamente, com a coordenadora e comigo e ele olhou para nós duas, pois estávamos juntas ao mesmo lado e ele olhou para mim e falou comigo em Português, então para eles é muito natural e automático, eles sabem que eu só falo Português e que a outra coordenadora só fala Inglês com eles.*

*Então ele conversou com ela em Inglês e quando eu fiz uma pergunta em Português, ele se dirigiu a mim em Português e aí ele olhava para ela e falava em Inglês.”*

### **Na aula de Inglês a professora só se dirige aos alunos em Inglês?**

*“Dependendo da série sim, o fundamental dois é só em Inglês.”*

### **E com as crianças menores, no kinder?**

*“Existem os comandos, por exemplo, com os pequenininhos existem os comandos, são algumas palavras que são colocadas, ela fala em Inglês e em Português, Inglês e Português, até eles se familiarizando e conhecendo, entendeu?*

*Com os mais velhos, aí sim existe essa rotina, essa imersão, eles já se apropriaram da língua, então ela fala só em Inglês.”*

### **E qual a característica da clientela aqui? São filhos de estrangeiros?**

*“Agora a gente tem pouco filho de estrangeiro, quando começou a escola era só filho de estrangeiro, agora não, agora tem uns oito estrangeiros, é muito médico, porque acho que precisa de uma escola período integral, também comerciante, advogado, dentista, entendeu? É mais para área assim, mas filho de estrangeiro tem pouco.”*

### **Seriam mais filhos de americanos?**

*“Têm americanos, dinamarqueses, noruegueses e colombianos. Tínhamos suíço, mas já saiu.”*

### **E qual o objetivo dos pais, por exemplo, os brasileiros, em matricular o filho numa escola bilíngue? Eles comentam o por quê?**

*“A maioria fala que o Inglês é uma língua muito importante e que em nenhuma escola eles vão ter quatro horas de Inglês diárias que nem aqui, né.*

*Que escola bilíngue é diferente de instituto de idiomas, aqui você aprende a cultura e você não consegue aprender uma língua sem conhecer a sua cultura, aqui você aprende a cultura americana, existem as festas que fazem parte da cultura americana existem o... Social Stand, que a Coordenadora vai explicar melhor, eles aprendem a independência americana, como que aconteceu, entendeu? Eles aprendem tudo, tudo o que aconteceu nos Estados Unidos, na história deles, eles aprendem.*

*Eles não vêm para cá só para ter aula de gramática e conversação, existe uma carga horária e eles aprendem esportes americanos: beisebol, as músicas, futebol americano.”*

### **E quais são as atividades trabalhadas no pré, na escrita?**

*“Trabalhava muito com livros de histórias, trabalhava em cima do livro, com os personagens do livro, fazia reescrita dos nomes dos personagens, trabalhava muito o nome deles, trabalhava pequenos textos, tinham que identificar palavras do texto, tinham que ler o texto, músicas, trabalhava uma série de coisas tudo voltado à alfabetização, que tivesse haver com a realidade deles, por exemplo, uma vez teve um aluno que trouxe um experimento de um foguete, então era assim, eu até fiquei com um pouco de receio em fazer, mas o menino trouxe e ele trouxe todos os apetrechos, era bicarbonato de sódio, eram vários negócios e aí colocava num potinho e o bicarbonato de sódio, acho criava um vácuo, um ar não sei e o negócio subia, era fantástico.*

*Então nossa a partir desse dia, desse negócio do foguete que o menino trouxe e a gente trabalhou o homem na lua, a gente trabalhou astronautas, a gente trabalhou os planetas, trabalhou um monte de coisa, então às vezes a gente trabalha a partir do interesse da criança, então a criança trouxe um interesse, uma... um tema gerador.*

*Trouxe, aí eu achei interessante e mostro para a classe, a partir daí aprenderam o nome dos planetas do sistema solar, eles aprenderam o que é astronauta, aprenderam o que se come dentro de um foguete, comida de astronauta, a gente tem aqui uma cozinha experimental.*

*Aí a gente fazia comida de astronauta, brincamos de fazer comida de astronauta, sabe? E aí a gente faz um mini projeto e desse mini projeto surgiram muitas idéias, as crianças adoraram, então quer dizer tudo que a criança tem*

*interesse ou traz para a escola, a gente não tem que descartar, a gente tem que fazer com isso se torne importante para a criança e faça com que isso desenvolva num trabalho de acordo com o meu planejamento, o meu maior desafio no primeiro ano era o quê? Alfabetizar, então tinha que levar esse interesse dele para minha área, foi o que eu fiz, a gente criou, fez os planetas, fizemos mil coisas em cima disso, apenas em cima de um foguete.*

*Eu podia ter feito só aquele foguete e ter falado obrigada, trouxe uma coisa muito legal, tchau. Vamos continuar com aquilo que a gente está aprendendo, mas não, a partir daí... como eu vi que as crianças pararam, ficaram com aquela coisa, o negócio subiu, nem eu acreditava que o negócio subia, o negócio subiu e eles adoraram e saíram escrevendo o nome dos planetas, sabiam qual o que tinha anel, sabia qual era o maior planeta, sabia que o Sol era uma estrela, saíram praticamente sabendo tudo.” (risadas)*

### **E como você avaliava as crianças? Era por nota?**

*“Não, a gente fazia um relatório de acordo com os objetivos do trimestre, aqui é trimestral. Então dependendo do objetivo, do planejamento, a gente vê se a criança atingiu, não atingiu, tá satisfatório, insatisfatório, entendeu?*

*Então era assim, mas era uma coisa que se ele não atingiu naquele trimestre eu tinha noção de que aquele objetivo tinha que trabalhar melhor aquele objetivo com o aluno, então a gente trabalhava aquele objetivo especificamente para aquela criança que não tinha atingido, mas era uma coisa que assim, não dá para você avaliar a criança de educação infantil, né, porque eles aprendem... às vezes... a gente fala assim “nossa ele não está aprendendo nada do que eu ensino” aí passa um mês, ele tem um progresso que não dá para você anotar num papel, entendeu?*

*Então a criança na educação infantil, você tem que contar os meses, então você tem uma criança de quatro anos, nossa, mas essa criança de quatro anos já está lendo, mas ela só tem quatro anos e onze meses, entendeu? Então aquela lá que ainda nem reconhece as letras do alfabeto, coitadinho, mas ele tem quatro anos e um mês, ele vai fazer cinco anos só em dezembro, tem muita diferença, então quer dizer isso tudo a gente tem que estar contando os meses, os dias, porque o desenvolvimento da criança é muito rápido, é diferente da gente, a gente aprende, às vezes até esquece o que comeu ontem, né. (risadas)*

*Eles não, eles estão sempre aprendendo e guardando para o momento certo, para eles darem aquela guinada.”*

**E você vê diferença na alfabetização entre só uma língua e a bilíngue?**

*“Eu acho que o bilinguismo é uma coisa a mais para a criança, é um ensinamento a mais, vai ajudá-lo sim no futuro.*

*Vai ampliar a visão de mundo lá na frente, vai abrir portas. Mas a criança que não é alfabetizada no bilinguismo não tem perda nenhuma, não existe perda para o Português em relação ao Inglês.”*

**E existe essa ligação entre você e a professora de Inglês, para saber como está o desenvolvimento dessa criança?**

*“Existe, existe, a gente tem uma troca, geralmente a criança que não tem bom desenvolvimento em Inglês, ela também não tem em Português, tá. Acontece isso, a criança que tem uma certa dificuldade, ela apresenta nas duas áreas, mesma coisa com o comportamento, a mesma coisa com qualquer coisa. Então não existe assim, a criança ela não é uma meia criança, meia criança em Português e uma meia criança em Inglês, quando eles crescem, quando eles vão lá para cima, aí sim pode existir, porque aí a criança já tem a preferência.*

*Então você não tem uma preferência de matéria? A criança também, mas entende o que é preferência, o que eu prefiro, o que eu não prefiro, ela se identifica mais, o que eu gosto e o que eu não gosto, ela já tem quando ela fica maior, quando ela é menor ela não tem isso, então a dificuldade que existir ela é igual para os dois lados, se não existir, ela não existe ela já foi feita, entendeu?”*

**E por exemplo, na classe das crianças menores que ainda não é trabalhada a escrita oficialmente vamos dizer assim, e existe um interesse é trabalhada a escrita nessa classe?**

*“Toda a classe aqui é trabalhada a escrita, até os dois anos já começa com o nome, coloca o nome na cadeira que ele usa, então ele já vai identificar o nome dele e o nome do amigo, então ele já sabe que aquela cadeira é sua, não é do fulano é sua, então ele já identifica o nome e o nome do amigo isso com dois, três anos.*

*Então constantemente é trabalhada a escrita em Português, aí no Inglês eu estou um pouco por fora do kinder 1, mas acredito que é no primeiro ano.”*

**Há quantos anos você leciona no modelo bilíngue?**

*“No modelo bilíngue 11 anos.”*

**E você já lecionou numa escola que não seja bilíngue?**

*“Já, há 21 anos eu dou aula.”*

**Existe diferença no modo de lecionar numa escola bilíngue da não bilíngue?**

*“Não, é a mesma coisa, a única coisa é que você tem que ter uma partilha de... como é que eu vou te explicar, não é interesse, eu tenho que partilhar o meu trabalho com a minha colega de Inglês, então por exemplo eu tenho uma idéia do foguete faz de conta, tá. Então eu falei para ela “olha eu tive essa idéia, eu tive não o meu aluno trouxe a idéia do foguete, eu queria trabalhar muito e ela falou vamos.*

*Eu vou tem que ter uma cumplicidade, você tem que ter uma colega que te acolha, acolha suas idéias para poder a classe fluir legal, porque você vai usar muito espaço da sala e a sala não é só sua, a sala é da sua colega também, eu nunca tive problema aqui, nunca, nunca tive problema com nenhum professor de Inglês, sempre todos com os quais eu trabalhei partilharam, eu partilhava a idéia delas e elas partilhavam as minhas idéias.*

*Teve uma vez, elas foram para São Paulo para uma fábrica de brinquedos, fizeram uma boneca, foi muito legal, depois eu trabalhei Português com essa parte da boneca e fizemos partes do corpo, fizemos um boneco, então foi Inglês e Português junto, sabe? Existe uma troca, não tem problema, eu nunca tive problema.*

*Não importa se é bilíngue ou não, esse espírito de equipe é muito bem-vindo, então aqui a realidade é, a professora de Português é importante que ela tenha parceria com a professora de Inglês, numa outra escola que não seja bilíngue é importante que a professora tenha uma parceria vamos supor, com a colega de outra classe, talvez do mesmo ano ou com uma outra que não seja do mesmo ano, porque a parceria é muito bem-vinda.*

*Então a gente trabalha projeto, a todo momento, né. Os projetos são... tem que estar interagindo um no outro.”*

## **E na classe das crianças com seis anos quais são as matérias trabalhadas?**

*“A gente trabalha com referencial curricular da Educação Infantil, né, que é Natureza e Sociedade, Linguagem Oral e Escrita, Raciocínio Lógico e Matemático, Movimento, Artes Plásticas e Visuais. Então são essas as matérias, então em cima do mês do trimestre a gente tem que cumprir o planejamento das cinco matérias.”*

## **E essas matérias são desenvolvidas a partir de que idade?**

*“Desde os dois anos e aí no pré que hoje é o primeiro ano, ela já passa para o fundamental, ela já se transforma em Português, Matemática, Geografia, Ciências, porque ele entrou no fundamental, mas na Educação Infantil ela trabalha com todos esses componentes.”*

## **E no pré a avaliação também é feita com relatórios?**

*“Não, agora existe nota, existe nota, mas a professora do primeiro ano, ela tem que ter sensibilidade, então porque a criança ela tá amadurecendo, esse ensino de nove anos é muito bom, mas tem algumas coisas que a gente tá avaliando, no início a escola tem que dar o respaldo para o professor, para ele poder tá reformulando esse sistema de avaliação, para poder tá fazendo com a criança, que a partir do momento que você fala, que você vai fazer isso aqui e vai ter que dar uma nota, aí você já fica “Ah meu Deus vou ter que me sair bem, porque se eu não me sair bem”.*

*Existe essa carga emocional, que pode influenciar aquele momento. A criança é o momento diário, então a professora tem a sensibilidade de fazer avaliações, as quais as crianças saibam o que elas estão fazendo, que não é uma avaliação é o momento da criança e que a professora vai dar uma nota, mas é uma nota pelo tudo que ela fez durante todo o mês, não é só isso... a professora colocou aquilo durante um mês, quero que vocês façam isso, que eu vou dar uma nota, um parabéns, eu vou dar um carimbo em cima dessa folhinha de papel, porque você precisa ter um registro, porque a secretaria exige o registro.*

*E aí a criança faz na boa, eu faço com os meus do terceiro ano, eu falo assim “olha gente, a gente vai fazer uma atividade de avaliação”, “Ah tia de novo”, para eles já é uma coisa normal, já nem reclamam que não sabem. E aí fazem na boa, entregam.*

*Mesmo porque a avaliação ela não é um momento único, não é só uma prova escrita, você trabalha com diversos instrumentos de avaliação, então uma dramatização pode ser uma avaliação, uma atividade no papel pardo pode ser uma avaliação, uma pesquisa pode ser uma avaliação, uma prova individual pode ser uma avaliação, desenho pode ser uma avaliação.*

*Têm vários instrumentos, então se o professor souber falar e explicar como é essa avaliação, nenhuma série vai ser temerosa, fazer uma prova, ou seja, que a atividade for, porque tudo você vai ser avaliado, a todo momento, uma oralidade é uma avaliação, um seminário é uma avaliação, então a todo momento você é avaliado. Agora no primeiro ano existe o boletim quantitativo, por conta que ele entrou no fundamental, mas existe um olhar, o professor não pode deixar de ter um olhar, isso não deveria ser só no primeiro ano, tem que ser em todas as séries, ele tem que ter um olhar que o aluno ele é um todo, se você trabalhar com habilidade, ele vai se sair bem em uma e outra não, porque é uma habilidade.*

*Então eu devo chegar a um consenso, um balanço de como ponderar, como você vai avaliar essa criança, aqui a nossa, o nosso primeiro ano, ainda ocupa o espaço de Educação Infantil ainda ocupa o parque da Educação Infantil, tudo ainda é feito em volta de uma postura de Educação Infantil. Muito embora já seja o primeiro ano do Ensino Fundamental.*

*E a escola favorece isso, né? Porque a escola tem um espaço incrível, que faz com que todas as outras séries tenham um pouco de ludicidade, de algo mais prazeroso, não fica dentro de sala de aula a todo momento.*

*Tem laboratório de Matemática, laboratório de Ciências, de Informática, tem a biblioteca que desenvolve aula de literatura, tem a própria sala de aula, têm espaços abertos, então o espaço favorece muito também o professor.”*